

QUEM TEM BOCCA VAI A ROMA.

OPERA COMICA EM UM ACTO *

POR

JOAQUIM SERRA.

San'Luiz:

Typ. de B. de Mattos—rua da Paz, 4.

1863.

AO DR. RAIMUNDO A. DE CARVALHO FILGUEIRAS.

MIR. CARO.

Offereci á ti este trabalho por duas razões:

O teu nome é o primeiro que me acode á mente sempre que escrevo qualquer cousa, e tambem, esta comedia foi escripta em tua casa, ha bons annos, nos intervallos d'aquellas gostosas palestras, que tinhamos na tua casinha da rua da Lampadosa.

Bom tempo foi esse e, palavra, que tenho saudades d'elle!

Mas, como não desejo que haja choro n'esta dedicatória: tregoas ao sentimentalismo e variemos sobre o assumpto.

— *Quem tem bocca rue a Roma*—é aquella garatuja, que valeo-me por parte do *Conservatorio Dramatico* do Rio, um interdito acompanhado de uns elogios rasgados e que te rião-me posto a cabeça em bolandas se eu não fizesse uma careta ao sentir o amargo da pilula tão bem douradinha pelos illustres censores, prohibindo a representação da minha pobre comedia.

Não sou inimigo do *Conservatorio Dramatico*, nem o fiquei sendo depois do seo parecer sobre a minha comedia; agradei as boas e inmerecidas palavras com que foi animado o autor-calorro e escabriei-me com a negativa para a representação, porque dizia-se que a tal comedia offendia um pouco o decoro da scena.

Deixa que eu falle um instante sobre a pobresinha.

Quando inaugurou-se a Opera Nacional no Rio de Janeiro, tu foste testemunha do açoitamento com que nos atiramos desapidados sobre o papel, á fazer librettos para as partituras nacionaes. Era uma hydrophobia patriótica, uma actividade digna de melhor successo, ao menos pela minha parte.

Entendi que o genero espanhol das *zurzuellas* era o mais proprio para o nosso theatro, e quasi que insensivelmente, uma boa manhã acordei tendo ultimado na noite antecedente o meo ensaio dramatico, que li-te de um só folego, com grande espanto teu e, confesso-te, que com não menor meo.

Ouviste as primeiras scenas bocejando, as outras mais sizudo, sorriste nas ultimas e, quando acabei a leitura, estavas á meo lado, fora da rede, inteiramente acordado e dando rizadas tezas, d'essas de fazer rir o diabo.

Palavra, que cobreí alma nova e, sem fazer de ti a creada velha de Moliere, julguei que o meo trabalho poderia fazer rir as plateias.

Impozeste-me a obrigação de levar-o ao *Conservatorio Dramatico* e elle de lá sahio com os pareceres que adiante mando transcrever.

Sel que esses elogios, que forão-lhe prodigalisados, são mentirosos como um epitafio, pois n'elles até se diz que «com grande aproveitamento deve o autor da comedia *Quem tem bocca vae a Roma* ter estudado a sciencia dos Legendre e Laplace.»

Tu e a algebra sabem bem com que desprezo soberano tratei os intrincados— $x x$ —e os não menos enfadonhos cosenos e hypotenusas.

Mas, se por um lado as expressões animadoras do *Conservatorio* satisfizerão o meo orgulho de autor (nobre ambição, como és apreciavel nos anões!) pelo ou'ro lado doia-me a injustiça do *Conservatorio*, que, licenciando a *Tiu Bazu*, *Bodas de Merluchet* e outras produções decotadas de mais, achava vislumbres de deshonestidade nos meos humildes lapsos de lapis.

Quero que por conveniencias, que respeito, não se apresentasse em scena um grosso Franciscano, d'esses pintados pelo Bocage e Alvares de Azevedo, concordo em parte; mas a essa inconveniencia unir-se a pecha de immoral, é que eu não podia trazer.

O Frei Gil do *Antonio José*, o *Norico* da comedia do Pena e o proprio *Tartufo* de Moliere ahi estavão para me autorisar a exhibição publica de um fradalhão de bom quilate; mas admittindo que a satyra n'esses casos possa peccar por muito generica e ter seus laivos de impiedade, eu concordaria em tudo com o *Conservatorio* menos com a pouca decencia

do meo trabalho, pantado pelo motte de José de Alencar—*fazer vir sem fazer corar*.

Desculpe o autor das *Azas de um anjo* (outra victima do pudor offendido) se o trato por *tu*, sem mais nem menos. Já disse, nem sei quem, que os grandes autores não são chamados—o Sr. Dr. Lamartine, nem o Sr. *conselheiro* Victor Hugo.

O *Conservatorio Dramatico Brasileiro* é composto de nomes tão respeitaveis, que não tenho a velleidade de querel-o abocanhar, mas, meu Filgueiras, agora que podes lér a comedia inapressa, vê se encontras esses lugares horripilantes para arranhares sobre elles, com toda a força de tuas unhas e dedos. Quero corrigir-me.

Quando escrevi, esta opera-comica, comedia, zurzuella ou o quer que seja, puz de parte o tal pudor inglez, que inventou a palavra *inexprimivel* para significar *ceroulas*, e que não consente se diga em nma meza, dê-me da *coiza* d'esse frango, mas sim dê-me da *perna* d'esse etc.—Este pudor que sahe do coração para se refugiar nos labios, acho muito guuidado para tomal-o por exemplô.

Agarrei um desses vegetaes do culto romão, segundo a phrase de Byron; agarrei-o em vespervas de infringir um dos preceitos do decalago e o Frei-Patnsco, pilhado em flagrante, não teve remedio senão receber o premio de seos trabalhos.

Os seraficos filhos de S. Francisco, nem todos, como o milagroso mestre, divertem-se fazendo mulheres de gelo para mortificar a carne; alguns ha que se parecem com o meo frei Benedicto e para esses foi talhada a carapuça.

Mas já disse, que concordo com o *Conservatorio* na censura por esse lado e por tanto não insistirei. Sobre este assumpto melhor vale *frapper juste* do que *frapper fort et toujours*—assim, posso ter passado as raiz do conveniente. Não quero ser o juiz.

Talvez aqui fosse o momento de fazer uma prelecção sobre as composições theatraes, desde Aristophanes até Scribe, e, muito succulenta e substancialmente falar do deluvio, do genero humano e acabar depois com os *charivaris* do theatro de S. Pedro de Alcantara; mas aeho essa dissertação muito erudita para minha cabeça e muito indigesta para o teo estomago. Passo adiante, afirmando-te, que chamo a isto de *comedia* porque os heroes se acabão cazando, assim como nas tragedias elles acabão morrendo.

Se não fosses cazado, (e que bem cazado que és!) eu diria a heresia de que em resultado o fim da comedia e da tragedia é sempre identico: os protogonistas morrem ou casão.

Mas como isto não vem a proposito, faz de conta que o não disse.

Sei bem que esta comedia não é escripta com o pice e finura dos trabalhos de Alencar, Macedo, Bocaynva, Pinheiro Guimarães, Machado de Assis e outros; o riso que ella provoca não é esse riso fino e de canto dos labios, mas sim a gargalhada rasgada, provocada pelo *gros sel*, que, em forma de novidade, te digo não ser o attico, tão apreciado por ti e tão do teu uso quotidiano.

Embora; ha pessoas que gostão de cousas assim e por isso não me admira que o *Conservatorio Dramatico* encarescesse e apreciasses o merecimento litterario desta composição.

Eu de coração já agradeçi a nimia condescendência d'aquella illustre corporação.

O certo porém é que a comedia não ha-de ser representada, embora tu fosses um dos muitos que se arripiarão com a tal prohibição.

Esse teu pinguismo em achar representavel o meo trabalho, já passa a ser mania e por isso compete mais á pathologia explicativa do que á esthetica.

Se tivesse de fazer hoje o trabalho, por mim escripto ha seis annos, teria de modificá-lo ou antes reconstruí-lo de novo.

Publico-o pois como está, que não é lá grande cousa. Também o publico porque tomei um compromisso para com o edictor da *Bibliotheca Litteraria* e este dá-se por quite comigo mandando eu esta trapalhada para o prelo.

Vá por conta d'elle, pela tua e mesmo por conta do *Conservatorio Dramatico*, que tão boas cousas disse d'estas folhas de papel.

Sei que a ideia d'esta opera-cômica nada tem de original, mas, assim como Salomão, digo que nada de novo ha em haixo do sol e, como Henrique Heine, penso mesmo que o proprio sol é uma velharia requentada pelo bom Deos.

Vá, pois, para letra redonda o manuscrito virgem e intacto de uma emenda ou thesourada minha. *Quod scripsi, scripsi*.

Tu, meo Filgueiras, apadrinha-o o mais que puderes e desculpa por lá o autor dizendo, que quando elle tal escreveu, era um rapazola de dezenove annos.

Aperto-te a mão com toda a força da minha amizade. Deve doer-te bastante, não é assim?

S. Luiz—1863

JOAQUIM SERRA.

CONSERVATORIO DRAMATICO.*

[Expediente do dia 12 de outubro de 1857.]

PARECERES:

1.º VOTO DA COMISSÃO DE CENSURA SOBRE A OPERA-COMICA «QUEM TEM BOCCA VAI Á ROMA.»

Illm. e Exm. Sr.-- Estando de accordo com a maxima parte das idéas emitidas pela 2.ª censura, tenho apenas de fazer succintos reparos ácerca da composição original; *Quem tem bocca vai á Roma*, destinada a representar-se em nossos theatros.

O autor desta opera comica é fóra de duvida pessoa de espirito cultivado e de lição dramatica. Conhece-se que estudou com proveito as sciencias de Newton, Bourdon e Legendre, porque aduba as scenas da comedia com problemas de algebra, integrações, differenciaes e theoremas geometricos, com o que lhes dá particular sainetc.

Lamento, porem, que tanto espirito e tanta graça se dêem as mãos para cobrir de ridiculo e desprezo um ministro da igreja.

* Extrahido do «Diario do Rio de Janeiro».

Para mim é sempre de máo gosto e de pessimo effeito o spectaculo de um sacerdote estúpido, intrigante ou libertino; e quer parecer-me que os motejos, os apôdos e os epigrammas, que então se lhe jogão, prejudicão a correccão dos que o assemelhão, se não desconceituão os bons pastores, que assidua e dedicadamente curão de seus rebanhos, e dão pasto espirital aos opulentos como aos que trajão a libré da miseria.

No caso vertente trata-se de um discipulo de S. Francisco, infractor da regra serafica e escravo do demónio da carne. Já não é pouco; mas ainda aqui não fica. *Frei Benedicto* é punido pela seducção que quer realizar com uma descommunal zurzidura de péas vibradas por camponezes para esse fim adrede convocados pelo estudante de mathematicas e pelo pretendente á mão de *Arabella*. As péas que peirão *Frei Benedicto* no caminho da seducção e lhe forão cilicio forçado, forão tambem o *ultimatum* da questão do casamento. *Eduardo* vai casar-se com *Arabella*, e está tudo acabado.

Só por este excerpto vê-se que a peça está no gosto da época, e que, se fôr representada, ha de produzir muita hilaridade; porque o nosso publico dará gargalhadas homericas ao vér um religioso tripudiar e saracotear ao impulso de grossas corrêas applicadas por mãos vigorosas sobre o habito monachal que enverga.

E' facil a qualquer extrahir a moralidade desta scena!

O autor deixou-se levar pela torrente da moda. Sabe que as doutrinas do crucificado no Golgotha, por serem mysticas, asceticas, mysteriosas, hoje servem sómente para ornata de algum episodio de romance ou para estrophes de alguma ode ultramontana.

Sabe que os *luminares* da presente epoca, orgulhosos pelas descobertas com que (impios) julgão ter enfraquecido o poder de Deus, empregão-se quasi exclusivamente nas questões da elasticidade dos algarismos, doceis ao jugo das finanças e da economia politica, sciencias cujos foros collocão acima dos que tem adquirido a theologia, que não dá regras para amontoar moedas. Sabe que sem ser isto, só alguma excentricidade, algum escandalo estrondoso os pôde distrahir de seus estudos *capitalisticos*, industriaes e utilitarios feitos por amor proximal.

Debaixo destas vistas, o autor atira com um grande escandalo em scena, certo de conseguir o favor do publico, que ha de conseguir, repito, se a peça fôr representada.

Tanto o autor reconhece que o seu proverbio «*Quem tem bocca vai a Roma*» encerra immoralidade contra a religião, que não o finda sem contar uma pequena palinodia... mas a sorte estava lançada, elle passou o Rubicon.

A lembrança de fazer com que os camponezes ficassem na crença de que haviam espancado o *boi ta-tá*, lobishomem, ou alma do outro mundo, que os amedrontava e a que o autor chama *caipóra*, e o ultimo monologo da peça, attenuão um pouco os demais excessos, mas isto me parece *recurso de morcego*, ou melhor, grito de remorso.

O sacerdocio é muitas vezes exercido por mãos indignas e caracteres depravados, mas não ha de ser o *theatro*, por mais que fustigue esses profanadores da lei do Christo; que os ha de chamar á razão no imperio da Cruz. São relapsos eivados da gangrena do seculo, contaminados da podridão dos vicios, para os quaes nem as masmorras do santo officio trarião correccão.

Uma vez que os Revm.^{os} bispos, pela carencia de autoridade, ou por frouxidão, não podem prover de remedio a mal tão contagioso, fique aos poderes do estado reservada a tarefa da sua coorção ou completa extincção.

A' vista, pois, do que deixo dito, conatado com o nobre censor em negar-se a licença pedida para a representação da opera *Quem tem bocca vai á Roma*.

A respeito do merito litterario, já disse que o tem e ainda mais poderia dizer, mas este parecer já vai longo, e ainda me falta dirigir duas palavras ao illustrado redactor das *Paginas menores* do «*Corrrio Mercantil*».

2.º VOTO SOBRE A MESMA OPERA.

Eis-aquí o resumo do enredo da opera comica em um acto, *Quem tem bocca vai á Roma*, que V. Exc. remetteu á minha censura.

No interior da provincia do Rio de Janeiro existia um piutor, de nome *Eduardo*, que amava apaixonadamente a menina *Arabella*, sobrinha de *D. Catharina*, em companhia da qual residia desde a época do fallecimento de sua mãe.

Vivião todos em boa harmonia, até que *Fr. Benedicto*, frade franciscano, travando relações de amizade com a velha *D. Catharina*, aconselhou-a em suas predicas que não consentisse no casamento dos dois amantes, porque, entre outros defeitos, *Eduardo* era sectario da doutrina de Voltaire.

Começou, pois, a velha a tratar mal a *Eduardo* que andava afflicto e desgostoso, quando chegou *Francisco*, seu amigo, estudante da escola militar, e irmão de leite de *Arabella*, de quem era uma especie de protector.

Francisco recebeu ás confidencias dos dois amantes, interessou-se vivamente por elles, e, em resultado das indagações e pesquisas á que procedeu, chegou a descobrir que

o fim de *Fr. Benedicto*, em adiar o projectado casamento de *Arabella*, era seduzil-a e deshonral-a ! E assim effectivamente aconteceria, se *Francisco* não tramasse o plano de descarregar uma tremenda sova de pão em *Fr. Benedicto*, na occasião em que estava quasi a pique de realizar o seu nefando projecto.

A' vista deste ligeiro esboço, que é, em traços geraes, a fiel exposição das bases da composição, parece que não pôde haver duvida em classificar-a logo de altamente inconveniente.

A parte principal da *opera* é um frade franciscano, sobre quem o autor fez recahir todo o fel da sua bilis, caracterisando-o como um homem perdido, hypocrita, devasso, e de uma conducta horripelantemente perniciososa.

Basta esta consideração para julgar-se da inconveniencia da apparição de semelhante personagem na scena dramatica, principalmente entre nós, que infelizmente vamos de dia a dia caminhando para o indifferentismo em materias de religião, indifferentismo que não dista muito da impiedade, essa especie de flagello que pôde de um instante para outro assolar o genero humano.

Entretanto, não posso deixar de reconhecer no autor as melhores disposições para a scena dramatica; creio até que elle possui em larga escala os conhecimentos indispensaveis para a producção de excellentes composições. Infelizmente, porém, empregou muito mal o seu talento e habili-dade no fabrico desta peça, que é inquestionavelmente um amontoado de impiedades.

O autor dispõe de immensos recursos de graça e espirito; mas é preciso que reflecta antes de escrever, para não achar-se segunda vez na extravagante e condemnavel posição de ter produzido sem fructo, isto é, de ter composto uma comedia inadmissivel embora muito bem escripta.

E' este o meo parecer.

PERSONAGENS.

FRANCISCO..... *Estudante de mathematicas.*
EDUARDO..... *Pintor.*
FR. BENEDICTO..... *Frade Franciscano.*
ARABELLA..... *Filha de pobres lavradores.*

Côro.

A scena passa-se no interior da provincia do Rio do Janeiro.

ACTO UNICO.

Uma esplanada, de um lado uma pequena casinha, do outro uma estrada que se perde pelos bastidores, no fundo montanhas; o dia vem amanhecendo e vai correndo durante o periodo da peça.

SCENA 1.^a

Francisco e Côros.

INTRODUÇÃO.

Do dia que rompe, saudemos o alvor.
Amigos!
Quem ama a natura, não tem do Senhor
Castigos.
O astro de ouro já mostra sua face
Divina;
Sacode o orvalho, do sol, que ora nasce,
A crina...
E rubras estão as nuvens nesta hora
Na côr,
Qual rosto de virgem, que córa
D'amor...
A gotta d'orvalho, cahindo, resalta,
Se abysma,
E a luz encontrando as côres retrata
Do prisma.
Saudemos o dia, as flores o sol
Co'ardor
É elle p'ra os homens, um bello farol
D'amor...

FRANCISCO.—Meus amigos, que diabo de idéa foi essa de não me deixarem dormir hoje á somno solto, como merece quem chega de uma viagem? Cheguei hontem á tarde para visitar a minha querida Arabella, minha irmã de leite, á quem amo por mim e por minha mãe, que morreu recommendando-me, e apenas são 6 horas da manhã, ides me acordar!... Afianço-vos que á essa hora nunca

acordei na cidade, ainda que o proprio porteiro viesse despertar-me com a radrueta de nossas faltas, com o livro de ferro do Apocalipse da Escola Militar. . . Vamos lá, o que quereis de mim ?

1º DO CÔRO.—Vais saber, Xico: tu estimas e approvas o casamento de Arabella com Eduardo. . .

FRANCISCO.—Sem duvida. . . um excellente pintor, á quem ella ama muito. Prometti á sua mãe fazel-a feliz, e á minha que tanto a amava tambem; portanto, bem vês que é um suave encargo esse de dar-lhe a ventura. . . mas enfim o que ha ? digão.

1º DO CÔRO.—Sabes que a mãe Catherina, tia de Arabella, outr'ora tão amiga de Eduardo. . . agora. . .

FRANCISCO.—O que tem ? a velha Catherina é uma boa mulher, tanto que por saber disso é que deixo sua sobrinha com ella. É verdade que, rapaz solteiro como sou, não a podia ter comigo na côrte. Porém vamos a velha Catherina, o que ha entre ella e Eduardo. . .

2º DO CÔRO.—A' um mez á esta parte que faz a meniua chorar muito, porque recebe mal á seu boivo, e isso a tem feito ficar bem pesarosa. . .

FRANCISCO.—É' celebre ! mas qual a razão de tal ? . . . não suspeita-se alguma cousa de Eduardo ? . . .

1º CÔRO.—Nenhuma. . . Eduardo é sempre o bom rapaz, o excellente pintor que não quer saber da vida da cidade. . .

FRANCISCO.—E o que tem havido de novo por aqui ?

3º DO CÔRO.—Ora quasi nada; a excepção da morte do cavallo baio do primo Macario.

FRANCISCO.—Ora, isso nada tem com o negocio.

3º DO CÔRO.—Nem tanto assim, pois que foi mesmo desse dia em diante que a tia. . .

FRANCISCO.—Está bom, eu não pergunto cousa alguma dessas, porém sim alguma cousa extraordinaria e. . .

2º DO CÔRO.—Ah ! quem sabe se não foi porque ella foi ser madrinha da filha de Luiza—a douda ?

FRANCISCO.—Isto tudo são asneiras. . .

2º DO CÔRO.—Pois á não ser isso; á não ser a queima da casa de mestre Felix; o parto da novilha malhada de João Roberto. . . não sabemos de mais nada. . .

FRANCISCO.—Ora, com mil patetas como tu ! pergunto-

te se não tem ido alguma pessoa estranha, capaz de arrear a opinião da vèlha, na casa em que ella móra . . .

1º DO CÔRO.—Espera . . . não ! quem lá vai não pode ser; é um santo homem; um sabio capaz de dar volta ao mundo . . .

FRANCISCO.—Algum engenheiro, um mathematico ?

2º DO CÔRO.—Qual ! nada não é nenhum fasedor de casas, não, elle não é pedreiro . . .

FRANCISCO.—Estupido ! . . . Mas quem é então ? . .

1º DO CÔRO.—Quem lá vai agora é só Frei Benedicto.

FRANCISCO.—Hein ? . . . parece-me que ouvi assim uma syllaba de patifaria, disseste *frei* . .

1º DO CÔRO.—Benedicto . . . um santo Franciscano.

FRANCISCO.—É o que faz aqui esse bemaventurado ?

2º DO CÔRO.—Pobre homem ! anda no peditorio.

FRANCISCO.—A' que tempo está elle aqui.

1º DO CÔRO.—Ha quasi um mez.

FRANCISCO.—E ainda não acabou de pedir ? pois o lugar não é dos maiores e não tem muito que dar.

1º DO CÔRO.—Pois esse bom homem é o unico que vai á casa da tia Catharina . . .

FRANCISCO.—Mas o que faz elle lá ? Que qualidade de homem é ? . . .

2º DO CÔRO.—Quanto á isso é uma bella figura, corado, gordinho e . . .

FRANCISCO.—Ora ! isso são todos . . . Pergunto-te pelos seus modos, aonde se o tem visto ?

2º DO CÔRO.—Ainda sempre por casa de Maria Julia, Margarida, Thomasia Pires, Gertrudes.

FRANCISCO.—Creio que não nomeaste uma só pessoa do sexo feio; algum irmão ou marido.

1º DO CÔRO.—Isso que importa ! Elle é um homem no qual se deposita plena confiança. Não ha dous dias que o vi soziinho na fonte assistindo á Isaura ensaboar enquanto seu marido caçava veados . . .

FRANCISCO.—Hein ! e o marido caçava . . . veados !

1º DO CÔRO.—Frei Benedicto fallava sobre materias de religião; só do amor de Deus. Quando cheguei na fonte ouvi-lhe as ultimas palavras: «Bemaventurados os tristes porque elles serão consolados».

FRANCISCO.—É celebre. E todos os dias vac elle a casa de Catharina ? . . .

1º DO CÔRO.—Todos os dias.

FRANCISCO.—E dá-se com Eduardo?

1º DO CÔRO.—Não sei, poucas vezes os tenho visto juntos.

FRANCISCO.—(á parte) Aqui ha cousa (alho) Bem. Mas nada disso explica que rasão vos obrigou á me irem acordar.

1º DO CÔRO.—É que a rasão de tudo isso, de toda essa tramaia, creio ser a mesma que nos tem assustado á muitos dias. Contou-nos o mestre José Fidelis, o carpinteiro, que em Itaborahy appareceo ha dias um caipora...

FRANCISCO.—Um caipora! ..

1º DO CÔRO.—Sim o qual fez todos levarem á carepa na villa onde appareceo...

FRANCISCO.—Ora!

1º DO CÔRO.—O mesmo mestre carpinteiro nos disse, que, segundo o que lhe appareceo no copo d'agua com um ovo que elle poz no sereno; que tal apparição não hade tardar á se mostrar aqui, pois esses acontecimentos são presagios. A morte do cavallo baio; a queima da casa de Felix; as bebedeiras constantes de Tiberio, e esse proceder agora da tia Catharina, tudo annuncia que o tempo está proximo, como diz Frei Benedicto, fallando do dia de juizo.

FRANCISCO.—Então por essa asneira forão me acordar?

1º DO CÔRO.—Nada; o dia está proximo; amanhã faz um mez que appareceo o bicho em Itaborahy, segundo nos disse um correio que por aqui passou; portanto elle ahí não tardará e tú, como és quasi Doutor se nos ajudasses com teos conselhos contra o maldito caipora.

FRANCISCO.—Mas que diabo é isso? o que vem á ser um caipora?

1º DO CÔRO.—Pois não sabes?! escuta:

CÔRO.—É uma luz, que brilha incerta,
No matto acesa por Satanaz,
Sulfurea chamma, soturna espalha
Que horror aos peitos mais fortes traz!
Sopro mortif'ro lhe adeja entorno
Que cresta é tudo que lhe embarça.
Destroe campinas... assombra os homens
Troveja horrenda... sussurra e passa...
O bosque mudo, se torna logo
Rouquenho o mar, brame na praça...

As aves todas trementes fição,
Da flor o aroma logo dismaia...

FRANCISCO.—Está bom, está bom; já sei o que é...

CÔRO.—Sabes, então é...

FRANCISCO.—Uma asneira!... uma tolice que vos preoccupa...

1º DO CÔRO.—Pois não acreditas?

FRANCISCO.—Eu só conheço uma cousa capaz de me fazer desmaiar: é uma moça bonita, ou um ponto de calculo... Concorde que ao segundo se possa chamar de caipora, porém ao primeiro é uma denominação anti-constitucional, um acto arbitrário e...

1º DO CÔRO.—O que dizes?

FRANCISCO.—Digo-te isso!... Então não sabes o que pôde fazer o olhar de uma moça linda.

CÔRO.—Mas não nos acreditas?...

FRANCISCO.—Muito e tanto que logo fallaremos sobre essas cousas; deixem-me só, que quero fallar com Eduardo, e Arabella para saber do que me contastes da tia Catharina; vão, vão.

Todos.—Sim, até logo...

CÔRO.

FRANCISCO.

Ao campo marchemos
A hora soou;
Já deo seus trinados
A rôla no galho...
Avante p'ra o campo
Tê hora da sesta...
Que é goso, que é festa
Com honra o trabalho.

{ Saibamos a causa
{ Que faz pesarosa
{ Estar Arabella;
{ Eu vim da cidade
{ P'ra vel-a feliz...
{ Mas creio que nisto
{ Mettido o nariz
{ Seacha do frade. (sahe o côro.)

SCENA 2.^a

Francisco, só.

Ora bem!!... Está-me parecendo que em vez de vir para festas, vim conhecer alguma tratada fradesca, von *resolver algum triangulo* sacerdotal. E tal que o leigo Benedicto, amigo allhão das moças, que vai assistir-as a fazer barrelas e enquanto os maridos cação propala o dogma de que: os tristes podem ser consolados?... Esta tia Catharina sempre foi amiga de frades, e eu receio muito desta gentinha... Se

o merlo fosse o autor disso tudo?.. Vamos, se fôr não tem que saber é um quadrado que se pôde *simplificar* e applicar-lhe-hei logo o *systema de eliminação*, enviando-o para o convento immediatamente... Ah! vem Eduardo, vejamos se por elle saberei alguma cousa mais...

SCENA 3.^a

Eduardo e Francisco.

EDUARDO.—(pensativo, entra sem ver Francisco e vai até o fundo.) Ella não tardará; dir-me-ha finalmente a causa desse proceder.

FRANCISCO.—(Indo á elle.) Olá, meu caro! que estranha maneira de entrar é essa? Então não se usa por esta terra mais daq' bom dia?...

EDUARDO.—(vindo-se.) Perdoa-me Xico, vinha tão preocupado?... tão meditativo que...

FRANCISCO.—E qual é a causa dessa meditação Sr. Eduardo-Hamleto? Algum quadro em projecto? Alguma paisagem á finalizar, hein?...

EDUARDO.—Nada, meu amigo não é nada disso.

FRANCISCO.—Já sei; alguma virgem á Murillo... Estás pensando como has-de acabal-a? vamos... estás naturalmente no mais difficil de retratar-se... E eu te posso ajudar. Estás na cabeça?... pois pinta-a pequena e bonita, e não te importes que não tenha nada dentro...

EDUARDO.—Não, Xico... não é...

FRANCISCO.—Se não é o mais difficil, hade ser o mais bello: estás nos olhos.

EDUARDO.—Sempre á gracejar... És feliz!

FRANCISCO.—E porque não o serei... Ora, ouve: tenho amigos; como tu, pelos quaes sou estimado e os estimo mais do que Newton á seu binomio; tenho mil amantes, que entrão no *complemento* de minhas felicidades como *variaveis*, isto é, não participão de nenhum dos attributos das outras *quantidades*, á que chamarei *constantes*. Passeio, diverto-me... lá com uma ou outra pequena contrariedade, que não metto em conta: são *differenciaes de quarta ordem*. Ora com uma *equação* destas não é possivel achar-se a *formula* para a felicidade? dize, e com a breca! tambem creio que tu não tens razão de queixa! Que mais queres?..

és um grande artista, um pintor. Agarrar n'uma pahlbeta e zás... apresentar uma mulher bonita, estimavel, como se quer, sim, como se quer, porque além do mais ellas não fallão... vantagem que tens sobre o Padre Eterno; porque, aqui entre nós, a lingua da mulher é o que as deita a perder; é o que nós chamamos em mathematica nuna *dizima periodica*; nunca cessa de fallar, vai ao infinito e tu, nas mulheres que sonhas e executas, des-pensas-lhes esse luxo... Nada de lingua! Achaste o *maximo comunum divisor* que as reduz á nua mais *simples expressão*... Ser artista!... pelo *quadrado da hypotherusa* que é soberbo, que é digno de invejar-se...

EDUARDO.—Sim, o artista é o homem inspirado pelo Senhor, o artista é o intermedio entre os seus desejos e o mundo. Nas horas pallidas e solitarias da noite, quando tudo dorme no esquecimento de si mesmo, é o poeta, é o artista que recostado na sua janella contempla na mudez da terra, a tranquillidade do sono eterno, depois da mudana agitação; é o poeta que pergunta ás estrellas se são olhares tremulos e incertos dos anjos do Senhor sobre o universo é elle quem se deleita admirando essas ilhas de luz perdidas n'esse pelago azul, que se move sobre nossas cabeças; é o poeta quem contempla a pallida-namorada mirar-se no leito do oceano, bebendo inspirações em sua doce claridade. É elle que interroga as nuvens no seu frouxo caminhar, que indaga onde se dirigem nessa constante romaria; se ellas são levadas pelos sopros dos archanjos dos Elyseos, se são flores aereas, que esvoação como as folhas das arvores ao primeiro frio e gelado sopro do outomno. É o poeta que espraia a sua imaginação por esses mundos de luz infinita, que ouve as preces dos anjos no ciclar da brisa, o respirar da innocencia nos perfumes das flores, e depois, com a imaginação volcanizada, vê apparecer a alva e diafana figura do genio das idealidades, que pousa á seu lado, e o embriaga com seus olhares, o arrouba com suas candidas vestes e conversão sós, baixinho, mysticas palavras que só elles entendem, que o mundo não sabe decifrar...

FRANCISCO.—Bravo! eis ali uma tirada lamartiniana! De certo que só um poeta poderá achar tudo isso á noite! quanto á mim... com franqueza... pouco se me dá que as nuvens sejam aereos cabriolets que correm pelo espaço; ou uma porção de primos e primas que biincão o tempo

será! Acho sempre com a mesma cara a lua, quer a considere bacia de arame em que o Eterno se banhe, quer a tome por um formidável queijo londrino-celestial... Quanto as estrellas, com certeza te digo, que não passam de pedras falsas com que está macadamisado o pavimento lá de cima, para prova: a via-lactea... Porém o que com sinceridade acho soberbo no teu conto, é a ultima parte!... Confesso, que não deixa de ter sua graça essa entrada assim pela janella de uma linda mulher, que conversa com nosco baixinho... Oh bemaventurados os poetas, porque delles é o reino das pelats! . Juro-te que tem me succedido mais servir de genio das idealidades, ou moralidades, como lá disseses... entrando para casa de alguem pela janella do que o inverso... sim: a reciproca desse theorema nunca se deu comigo... Vejão porem comò mudamos para cousas tão diversas!! Disse eu que tú tambem és feliz, e que uma das causas para isso, é a tua vida de artista; és amado por uma linda pequenita com quem estás para casar; e, aqui para nós, Sr. maganão, a minha irmasinha de leite, a minha Arabella é bem bonita, que dizes?

EDUARDO.—Oh, é um anjo e eu a amo com todo o calor de minha alma fantastica e sonhadora... É linda como eu nunca idealisei nada... de balde quero, neste ultimo quadro que esboço, vêr se posso fazer a minha Eva no Paraiso perdido, tão bella assim... Não posso, ninguem a assemelha, nem mesmo essa primeira mulher, a unica feita pelas mãos de Deus!..

E bella, qual anjo não visto na terra!
 Seu rosto retrata de Deus o sublime.
 Não posso pintal-a, não pinta-a ninguem...
 E como a idolatro meu ser não exprime...

No brilho dos astros, em noute de trevas,
 Eu vejo seus olhos de vivo fulgor...
 Seos olhos que luzem, qual luzem as estrellas
 E fallão mais que ellas as fallas de amor.

No disco dourado da lua de Abril,
 Eu vejo seu rosto que tanto seduz,
 Com a tez tão formosa do typo gentil
 Das filhas morenas da terra da Cruz...

E amo-a com fogo, com todo o delirio,
 Que um'alma de poeta em si soe conter...
 Só vivo por ella, não tenho outra ideia,
 Sem ella p'ra que quizera viver?..

FRANCISCO.—E amando-a dessa maneira, e sendo como és amado, o que te faz estar tão triste? Anda, diz-me. Ainda não pudemos conversar bem, pois cheguei hontem e não te vi senão quando fui para casa de Catherina; bem poucas palavras trocamos, esperando-te eu para passar-mos lá um serão d'amisade, mas não appareceste, e...

EDUARDO.—É isso mesmo, meu amigo... é essa a causa de minha dôr...

FRANCISCO.—Porem, Sr. Eduardo, Sr. Eduardo, parece-me que quem se deve zangar e entristecer é Arabella, ella foi quem esperou seu noivo e elle...

EDUARDO.—Ah, ella não me esperava, não! ella bem sabe... pobre menina! que já vou lá bem poucas vezes...

FRANCISCO.—Então como é isso...

EDUARDO.—Ella sabe que a tia Catherina, tão boa outra para comigo, agora quasi que me prohibe lá ir, dando-me indirectas sobre o ser artista, não ser amigo de padres e enfim tem-me afugentado, e de nosso casamento já se não trata...

FRANCISCO.—Então o que me contarão aqui estes rapazes é exacto? E não suspeitas coisa alguma? O motivo de tal? Não tens feito nada á velha que motive-lhe esse máo humor?... falla, dize.

EDUARDO.—O que poderia eu fazer, se só tracto de agradar-lhe?

FRANCISCO.—Dize-me uma cousa: esse frade que aqui demora-se, vai lá muito?..

EDUARDO.—Que pergunta! Vai todos os dias...

FRANCISCO.—E o que dizem, elle e a velha? Em que fallão?

EDUARDO.—Eu não posso dizer-t'o, porque depois que elle principiou á ir lá é que a tia Catherina começou a mal-tratar-me, e então..

FRANCISCO.—Devéras!.. espera... Elle dirige-se muito á Arabella?..

EDUARDO.—Então suppões?

FRANCISCO.—Creio que descobrirei á origem de teus pesares.

EDUARDO.—Achas...

FRANCISCO.—Com os dados que já tenho, o problema é facillimo, reduz-se á: *achar um numero tal (á que chamaremos x) que eliminado d'aqui faça a tua felicidade...* e creio ter já descoberto um bocadinho do véo ou capuz da *incognita...* que neste caso se poderá chamar incognito...

EDUARDO.—Então pensas como eu; suspeitas do frade.

FRANCISCO.—*That is the question...* justamente...

EDUARDO.—Tens razão, esse homem não gosta de mim, e eu não sei porque detesto-o... Se fosse elle o miseravel autor disso tudo, porém como poderemos saber alguma cousa, se...

FRANCISCO.—Ora, quem tem bocca vai á Roma, e agora então que não se trata de Roma subterranea ou outra mais longe e esquisita, porém sim de uma representada por um reverendissimo frade. Está claro que chegaremos ao Tibre dessas maquinações!.. Creio que ahí se avança o bicho á nosso encontro... Descança em mim e retira-te que quero travar conhecimento com aquella bisca; quero achar o valor *analytico* d'uma *parabola*; vai-te que farei tudo por ti...

EDUARDO.—Sim, conto contigo; até já.

Se tal fôr... de tanto arrojô
Saberei punir o autor...
Que vergonha que tal faça
Um ministro do Senhor!...

P'ra vingar essa que adóro
O furor meu peito ufana!
Poderei rasgar a mascara
De quem tão vilmente engana...

FRANCISCO.—Vae amigo, que por ti
Eu serei procurador
E verei se o nosso frade
É de tal embuste o autor.

Quando vejo estes marrecos
Sinto raiva immensa... insana...
Já suspeito que aqui ande
Bandalheira Franciscana.

(Sobe Eduardo.)

SCENA 4.^a

Francisco e Benedicto.

BENEDICTO.—A paz de Deus seja comvosco! . . .

FRANCISCO.—Et cum spiritu tuo.

BENEDICTO.—Amen . . .

FRANCISCO.—(á parte) É preciso fazel-o desembuchar . . .
(alto) *Vossa Reverendissima passeia? Não sabe quanto folgo de o vêr. Veio á muito tempo da cidade? . .

BENEDICTO.—Ha já algum tempo que por estes sertões passo os meus tristes dias . . .

FRANCISCO.—Coitado! . . comprehendo as privações porque terá passado, e . . .

BENEDICTO.—O serviço do Senhor em primeiro lugar . .
Amen dico vobis qui ejus mercedum suam . . .

FRANCISCO.—(á parte) Temos giria e syllabadas (alto) O santo escapulario que vos cobre é um salva guarda que vos divirará dos males deste mundo . . .

BENEDICTO.—Aonde está o homem está o perigo . . Ah! que a vossa idade, filho, é a das fraquezas e tentações . .
Fragilitas . . fragilitatis . .

FRANCISCO.—Se eu seguisse os conselhos de meu pai, estaria agora nessa santa vida que respeito. Bella e prodigiosa vida! . .

BENEDICTO.—Se iniquitatis observaris Domine, Domine qui, sustinebit? . . Em toda a parte ha bons e máos. Pelo que vejo sois estudante: é uma cousa essa que quasi todo o mundo tem sido, e . . .

FRANCISCO.—E que hem poucos, o sabem ser; porém diizei-me o que achais do lugarejo? . . É bello, não é verdade? . .

BENEDICTO.—Todo o lugar é o mesmo neste mundo . . . a nossa patria não é aqui, sed in regna caelorum . . .

FRANCISCO.—Porém a vegetação . .

BENEDICTO.—As arvores trazem a idéa do peccado . .
De uma arvore originou-se a nossa desgraça . . .

FRANCISCO.—Mas em compensação as filhas de Eva aqui são excellentes. É o lugar onde as tenho visto mais bellas . . Se fosseis entendedor . . porém, perdoe-me, esquecia-me do que sois, e . . mas se eu digo tambem isso

é com toda a innocencia, bem vêdes que fallo dessas meninas com um respeito santo, e vós mesmo...

BENEDICTO.—O Mestre disse: Sinite parvulos venire ad me..

FRANCISCO.—Tinha razão. É bem boa cousa as meninas virem ter connosco... quero dizer, os meninos...

BENEDICTO.—Filho, vejo que não pensais tão singelamente como affectais; desculpai-me, hoje é o dia de S. Jeronymo e as minhas penitencias e devoções me privão de por mais tempo demorar-me, assim...

FRANCISCO.—Então ides rezar?!.. Sois um excellente christão, um digno filho de Deus...

BENEDICTO.—Quia tu es Deus fortitudo meam ..

FRANCISCO.—Se vós me cusinasseis os meios, os caminhos para ir ao céu... como sem duvida alguma ireis.

BENEDICTO.—As portas do céu estão abertas para todos... Deus dá-nos por passaporte, a oração e só constancia é que exige, pois multi sunt vocatur... Pela oração se vai á tudo.

FRANCISCO.—Assim seja, mas eu não quero interromper as vossas meditações; retiro-me... ficai com Deus...

BENEDICTO.—Et nos inducas in tentatione...

FRANCISCO.—Amen... (á parte) É um jesuita forrado de sacristão... Vamos eu acharei o volume deste *cylindro* de textos e orações... (salte)

SCENA 5.^a

Benedicto, só.

Que massador eterno!.. ouff... já se me ião esgotando os textos... Apre!... Este é o tal estudante que é irmão de leite da cuja. Que mulher!.. que figura aquella! é um seraphim!.. Não é má vida esta de pedir... obtem-se mesmo muita cousa... (com hypocrisia) tudo para o nossos bemaventurado S. Antonio. Que boa duvida? Quem neste mundo não dá a sua escorregadella? o mesmo nosso Santo Patrono, de quem se sabe o ter re-

sistido a tantas tentações, não haveria alguma representada por dous lindos olhinhos que soubessem dançar a caxuxa? Oh se haveria! Agora se elle resistiu... dicant Paduani. E quando se encontra uma tia devota das almas e de Santo Quofre? Abençoadas as tias porque são tias de suas sobrínhas!

Santa vida! quem não te ama
Com tantos lados gostosos?!
O descanso, o amor, o vinho
São bocados saborosos!

Tem-se o somno, nos missaes,
O vinho, nas sacristias,
E as meninas bonitas
Nas casas das velhas tias!

É verdade, porém, com dous milhões de capuchinhos, que ali vem a bella e com o maldito sujeito na cata! Eu acabarei com estes namericos. A pequena é timida, mas a timidez vence-se com palavrões e latinorios;

Tem o frade tambem peíto
Bate nelle um coração,
Todo o homem se assemelha,
Na fraqueza, ao pai Adão.

Assim pois segue de amor
A lei, que saudavel é.
E deixa o mundo grasnar.
Quare conturbas me.

SCENA 6.^a

Eduardo e Arabella.

EDUARDO.—(continuando uma conversa) É verdade, pensava já que não viesses.

ARABELLA.—Tendo-te promettido eu, Eduardo?

EDUARDO.—Sim, que queres! en receio tanto que o contagio da ingratição não toque aquella que adoro; receio que tua tia te faça mudar de idéas á meu respeito!

ARABELLA.— Isso é muito mal feito, Eduardo; não se deve dizer essas cousas á quem se estima. Posso eu por ventura

me esquecer de ti? não sabes que eu te amo tanto que te não sei dizer?! Por ventura não tenho necessidade de conversar contigo, de ver-te, visto que já não vaes em nossa casa?

EDUARDO.—E que tu sabes quanto me custa e o que dera para estar sempre perto de ti.

ARABELLA.—Sei, sim, e tu sabes quanto eu tenho chorado por esses máos modos de minha tia, ainda hoje....

EDUARDO.—Ainda hoje! Diz, falla.

ARABELLA.—Sim, devo te diser tudo: ella me prohibiu que fallasse mais contigo.

EDUARDO.—Que dizes?!

ARABELLA.—Tenho pena, porém é preciso. Disse-me que um artista que lê Voltaire, que não é irmão de bentinhos, que não se confessa pela quaresma, é maçõn, e como tál, uma christã não se deve chegar á elle.

EDUARDO.—Porém isso é um absurdo Arabella! Quem lhe terá feito pensar desse modo?!

ARABELLA.—Não sei; ella só falla e conversa com Frei Benedicto; ainda hontem confessou-se com elle.

EDUARDO.—Sempre este homem! porém tu não pensas desse modo não é assim?

ARABELLA.—O que tenho eu com o que dizem de ti, se eu te amo com toda a força de minha alma. Porém tu vês, Eduardo, que mui infelizes seremos se minha tia sempre se mostrar assim para contigo, porque della é que depende tudo. Xico te estima, é verdade, porém minha tia quasi que é quem dispõe de mim. Porque passarão-se rapidos os dias em que ella te estimava tambem! Os dias em que na nossa casinha, emquanto lhe contavas alguma passada lenda, que representavas com a tua palheta, eu ouvia-te as palavras, bebendo o amor que de teu peito ellas trazião! Que dias bellos! E tudo passou-se!

EDUARDO.—E tudo pássou-se! Isso é horrendo! Ser-mos jovens, sentirmos o amor mover-se em turbilhão nas nossas almas e lamentarmos um passado rapido, com a vista alongada para um extenso futuro de soffrimento! Por ventura deveremos no prologo da vida diser um eterno adeus a felicidade?!

ARABELLA.—Se ainda tu fosses amigo de Frei Benedicto, talvez que elle, usando da amizade que tem com mi-

nha tia, He fizesse vêr que és um homem honrado, como ella já te suppoz.

EDUARDO.—Porém esse frade é um homem, que eu abomino. . .

ARABELLA.—Sim! tu pareces não gostar d'elle, porém Deus nos perdoará se isto é um peccado, e até eu te peço, Eduardo, que venças a repugnancia que por elle sentes, e confesses-te; minha tia conhecerá que não tem razão no que diz, e tu poderás tambem ter nelle um advogado amigo junto della.

EDUARDO.—Que dizes, Arabella! Por ventura heide dobrar os joelhos perante um homem que me horrorisa; perante um homem que é uma profanação o pensar-se que elle poderá alguma vez representar o divino Mestre? Não, tu não sabes o que dizes.

ARABELLA.—Oh, eu tambem sinto-me interiormente impellido á fugir de suas vistas, á não ouvil-o e pouco fallo-lhe, porém tudo isso tenho conhecido que são sugestões do inferno, que me quer privar de ouvir as palavras do Senhor. Estou disposta á ouvil-o com mais benignidade.

EDUARDO.—Nada, não, senhora! prohibo-lhe essas benignidade; tape os ouvidos quando elle fallar, se me ama prohibo-lhe que o ouça.

ARABELLA.—Eis ali o que eu te peço que deixes, Eduardo! Crê-me são más artes do demonio que te fazem não queres ouvir um ministro de Deus. Minha tia bem feliz ficaria se tu te confessasses, e. . .

EDUARDO.—Porém isso é uma asneira que ella não tinha outr'ora! Que heide ir contar á esse homem? Que te amo e te adoro? Mas isso direi á ti só; todos os meus peccados, ouve: confessar-me-hei contigo, pois ninguem melhor do que um aujo poderá representar o Salvador. Escuta:

Por tua causa, gentil Arabella,
Peço tanto, que julgo que Deus,
Excluiu-me de seus escolhidos
E privou-me a entrada nos céos.

Sou soberbo, ó virgem innocente,
De ser eu de teu peito o senhor,
Sou soberbo, e a soberba é peccado,
Mas se pecco só é por amor.

Sou avaro de minhas palavras
Quando as digo á outras donzellas,
Ser avaro é peccado tambem
Mas se pecco, não pecco por ellas.

Quando vejo teus labios de nacar
Stou faminto, sedento de dar
Em teus labios mil beijos de fogo,
E ter gula tambem é peccar.

Mas tu sendo um aujo, qual és,
E sabendo que pecco por ti,
Muito embora me negues os céos
Não me negues amares-me aqui.

ARABELLA.—Tudo isso é muito bello, porém, ai de nós ! não é assim que alcançaremos a felicidade, e eu penso que só quem por nós poderia fazer alguma cousa, seria Frei Benedicto, pois minha tia . . .

EDUARDO.—En dispenso, que elle me faça alguma cousa . . . olha, dize-me o que te tem elle dito ? quantas vezes tens fallado com elle ?

ARABELLA.—Ora ! tem sido tão poucas que te poderei immediatamente dizer; são tão pequenas as conversas que temos . . .

EDUARDO.—Falla, falla, a primeira vez que com elle fallas-te, o que te disse ? aonde estavas ?

ARABELLA.—A primeira vez ? ! A primeira vez foi dous dias depois de elle lá ir; eu estava no jardim, era á noite.

EDUARDO.—Má hora ! !

ARABELLA.—Lia Paulo e Virginia; elle approximou-se, perguntou-me se lia a biblia; respondi-lhe que não, e sim que era um romance. «Um romance ! Mocidade inexperta; quanto vos lastimo».

EDUARDO.—Até aqui não ha muita bandalheira, continúa . . .

ARABELLA.—Eu fiz-lhe vêr que Paulo e Virginia era uma lenda singela e innocente, e elle, inflammado em santo ardor proseguio: «Amores ! por toda a parte amores ! Effitae os vossos lindos olhos nessas paginas namoradas ? oh !»

EDUARDO.—Ah ! elle disse *lindos* olhos ! continúa . . .

ARABELLA.—Eu envergonhei-me, pensando ter obrado mal, voltei o rosto, elle tomou-me as mãos, e com o sem-

blante, compassivo disse: Não chores, filha, que felizes os que se entristecem, porque elles serão consolados.

EDUARDO.—É isso, é o estribilho! Então, Arabella, elle tomou-te as mãos e tu...

ARABELLA.—Eu fiquei bastante incomodada e direi mesmo, desgostei-me da presença desse homem; ia retirar-me, quando elle não consentiu que eu fosse sem beijar-lhe...

EDUARDO.—Sem beijar-lhe? Arabella, como é lá isso?!

ARABELLA.—Sem beijar-lhe a mão! Enfim retirei-me.

EDUARDO.—Foi á tempo, porque um momento mais e elle...

ARABELLA.—A outra vez que fallou comigo, entreteve-se em contar a historia de Susana e a de José em casa de Pulifar.

EDUARDO.—É um miseravel que eu heide desmascarar. Arabella, farás tudo o que eu te ordenar, não é assim?

ARABELLA.—Sem duvida, meu amigo!

EDUARDO.—Prohibo-te dizeres uma palavra só á esse homem e de ouvires uma syllaba delle, cumprirás isto?

ARABELLA.—Porém...

EDUARDO.—Juras? dize depressa; vai nisso a minha ventura.

ARABELLA.—Sendo assim, meu amigo juro-te; porém en não suspeito o que premeditas; peço-te que reflectas que um sacerdote é illuminado pelo Espirito Santo, que não pode obrar senão com sabedoria e virtude.

EDUARDO.—Não te peço senão o que já disse; farás não é assim?

ARABELLA.—Exiges? cumprirei.

EDUARDO.—E en fallarei com Xico e talvez que ainda sejamos felizes. O céu nos ajudará!

EDUARDO.—Heide salvar-te das garras negras

De tal infame,

Trema o maldito! que em em estade

Meu peito brame.

A masc'ra impura que lhe en'obria

Tremula tomba.

De sen aspecto te heide salvar,

N'vida pomba.

ARABELLA.—Por ti meu peito se dobra á tudo.
 Meu caro amigo.
 Eu te obedego sem murmurar,
 Penso contigo.

Tu és tão nobre, qual foi por certo
 Meu nobre pai,
 Onde o diriges, meu peito amante
 Contenta vai.

JUNTOS. { Amor não erra
 No seu pensar,
 É seu olhar
 Firme e seguro.
 Não lhe embarça
 Os tramas negros,
 Elle devassa
 Véu do futuro.

{ Nette ponhamos
 Nossa esperança,
 Mar de bonança
 O céu nos dá,
 E nossa barca
 De felicidade,
 Sem tempestade
 Fundeará.

(sai Eduardo)

SCENA 7.^a

Arabella, só.

O que pretenderá elle fazer? Pobre Eduardo, em tudo vê a origem de nossos pezares! Na verdade que eu não posso suspeitar o motivo que obriga minha tia á fazer o que tem feito! Mas, com certeza, não posso, como Eduardo, enxergar em Frei Benedicto algum indício de ser elle o autor de tal! não! Não pode ser! um frade!! É uma asneira até suppor cousa alguma! Mas quem se aprouve em tão fortemente nos fazer soffrêr? Já contava com a felicidade, e agora? O passado chegou á ser tão bello que quasi pensava o futuro infallivel e seguro! No entanto o futuro eu vejo negrejar na minha imaginação! Ai, o passado enganou-me barbaramente.

Pobre arbusto despido de folhas,
 Pobre arbusto de rico passado,
 Tu retratas á mim, e teus males
 Muito ao longe retratão meu fado.

Tambem eu tive dias de flores,
 Dias bellos, quaes teus, mesmo assim,
 Esperei o futuro, insensata!
 Elle veio, mas como? ai de mim.

O passado é um tormento
 Que o contento nos affasta,
 É uma féra lembrança
 Que nos cança, que nos mata.

É qual espelho que ostenta,
 Apresenta imagem bella,
 Essa imágeni só nós vemos
 Não podemos tocar nella.

SCENA 8.^a

Arabella e Benedicto.

BENEDICTO.—(á parte) Eil-a ahi, vamos, approximemo-nos (alto) Minha filha, por aqui?!

ARABELLA.—Ah! Vossa Reverendissima!

BENEDICTO.—Assusta-se? de que?

ARABELLA.—Não! não me assustei; eu estava pensando.

BENEDICTO.—Pensaveis! A meditação é o colloquio com a alma, com a consciencia, vejamos, o que vos dizia a vossa alma.

ARABELLA.—Erão cousas tão triviaes, tão sem valor que..

BENEDICTO.—E occupaes os vossos pensamentos com trivialidades? Não sabeis empregar o vosso tempo!!!! Na verdade vos digo que a vida é curta, vita brevis est, e se não empregarmol-a bem que responderemos á Deus?

ARABELLA.—Porém...

BENEDICTO.—Não seria melhor que empregasseis as horas em resar uma estação? Filha, vós não sabeis de quantos peccados tendes de que vos arrepender!

ARABELLA.—Eu, porém, senhor...

BENEDICTO.—Entre todos avulta esse amor por um pin-

tor! Sacrilegio! sacrilegio, sabeis o que é esse homem? sabeis o que elle faz?!

ARABELLA.—Não senhor, eu ignoro, mas acho que. . .

BENEDICTO.—Ouvi, ainda á pouco passava por sua casa e sabeis o que lá vi?!

ARABELLA.—Não, fallae, fallae depressa.

BENEDICTO.—Um quadro! oh profanação! a Eva, a nossa primeira mãe nua! Olhos que tal vistes porque não ficastes cegos!! Nua! uma mulher! horror! irreligião!

ARABELLA.—Mas. . .

BENEDICTO.—Sabeis o que merece um homem destes? Sabeis qual é o seu castigo, e o daquelles que se chegarem á elle? Bem tenho eu feito para de tal vos livrar contando tudo o que delle sei á vossa tia, para que ella. . .

ARABELLA.—Então creis vós que. . .

BENEDICTO.—Sim, sou que vos salvo, sou em quem trato de vossa vida futura, quem vos livra do que elle sem duvida soffrerá! Não sabeis, não fôrmaes uma idéa do que padece nos infernos um homem destes.

Ardente grelha, caldeira immensa
D'azete ebeia o espera lá,
Será torrado em ferreo espeto
Por tal peccado, acção tão má.

Atiça o fogo, Voltair'impio
Em torno dança feias megeras:
Torturas grandes magoão aquelles
Que amirão Idalia, Pafos, Cytheras.

Pallidos medos,
Negros pavores,
Medonhas côres
Bordão o lugar,
Serpentes, chamas,
Horror, tormentos,
Nos aposentos
Se vêm meorar.

Orchestra horrivel
De maldições
Por orações
Se vêem termentes,
Se escuta entorno
De dôr signaes,
Soluços, ais.

ARABELLA.—Oh! senhor! isso é horrivel!

BENEDICTO.—Sim, é horrivel e eu venho salvar-vos; venho em nome do Senhor livrar-vos destes tormentos! Deveis me abençoar por tal, benedictus qui venit in nomine Domine!

ARABELLA.—Mas, que deveréi eu fazer? fallai, fallai. (Francisco apparece no fundo.)

BENEDICTO.—Filha ouvi, esse amor que tendes por tal homem é uma tentação do demonio: eu possuo um pouco dos cabellos de S. Pancracio, que livra as meninas de mão feiço, e só isso vos poderá valer; assim pois eu vos benserei e tocareis na sagrada reliquia; deveis vir ter comigo.

ARABELLA.—Porém, . .

BENEDICTO.—Oh! quando não, não sabeis o que vos succederá! Está dito, vireis.

ARABELLA.—E . .

BENEDICTO.—Ali vos esperarei (indica um dos lados) ás 10 horas sem falta, junto ao bosque.

ARABELLA.—Mas ás 10 horas, é noite feixada, e eu sozinha . .

BENEDICTO.—Que receiais? porventura algem vos poderá fazer mal? vinde, vinde minha amada . . filha, eu vos esperarei, quero vos dar a felicidade.

ARABELLA.—Mas essa hora.

BENEDICTO.—É a hora do mysterio, sim, porém é tambem a da meditação; é a hora das vigílias do amor, porém é tambem a das fervorosas orações. Vos tremeis de susto por tão pouco? porém o que guardais para sentir quando o Eterno vos interrogar por esse amor e relações com semelhante pintor?!

ARABELLA.—É que . .

BENEDICTO.—Quando chamejante de colera elle vos virar as costas dizendo: «aparta-te de mim, maldita! ao fogo eterno aparelhado por Satanaz e seus satellites; vae, vae malaventurada! porque chamei-te e não me escutaste, estive faminto e sedento da salvação de tua alma e não me deste attenção.» E á vosso lado vereis radiante de gloria aquellas vossas companheiras que me attenderão e que serão galar-doadas com o sorriso do Eterno lhes dizendo: «vinde, benditas de meu pai! possui a herança do reino da gloria que vos está aparelhada desde a fundação dos seculos». Quereis

trocar o paraíso pelo inferno? Deus por Satanaz? os bens celestes pelos soffrimentos infundáveis?

ARABELLA.—Não, não...

BENEDICTO.—(á parte) Não ha duvida que vem. (alto) Eu vou para minha casa orar por vós e virei esperar-vos; se não vierdes, só me restará chorar pelas vossas desgraças, pelos bens que repellistes; mas se vierdes, serei feliz, muito feliz... vendo-vos repleta de satisfação pelos gosos divinos, que vos trará a vossa salutar conversão.

BENEDICTO.

A linda Arabella
Cahio na esparrella,
Terás uma vela
Ah! meu Santo Antonio!
Tu és milagroso
Dás vida, dás goso
Á quem fôr geitoso
Qual foi o demonio.

ARABELLA.

Meu Deus, que farei
Eu bem obrarei
Fugindo da lei
Que me felicita?
Meu peito esclarece
Que o medo ennegrece;
Attende esta prece,
Que mando-te afflicta!
(Benedicto sahe.)

SCENA 9.^a

Arabella e Francisco.

FRANCISCO.—(entrando) Ora até que afinal acertei, sim é isso mesmo. Arabella, tudo ouvi, e...

ARABELLA.—E então, vêes o que diz Frei Benedicto, elle só me poderá salvar. Mas por ventura vacillo eu em soffrer tudo o que elle pintou-me por amor de Eduardo? E demais heide vir de noite aqui; eu que já tardei tanto em ir para casa, pois são mais de 8 horas!

FRANCISCO.—Pelo contrario virás.

ARABELLA.—Como?

FRANCISCO.—Sim hasde vir fallar com o frade porque disso depende a tua felicidade, a de Eduardo, o casamento de vocês emfim.

ARABELLA.—Visto isso me aconselhas.

FRANCISCO.—Que estejas aqui á hora marcada para fallar com Frei Benedicto. Eu bem suppunha isto mesmo do santo homem; eu bem vi que era certo o dizerem que: quem tem bocca vai á Roma—tanto procurei que até acertei.

ARABELLA.—Pois achas.

FRANCISCO. Acho: que achei o *valor de x*, e que tudo isto está agora claro e conhecido!! Vamos, vai para casa, e trata de te escumares ás 10 horas sem falta, anda depressa.

ARABELLA.—Vá o que fazes, Xico.

FRANCISCO.—Ora! temos arranjado tudo.

SCENA 10.^a

Francisco, só

Bravo! bravo! que me venhão agora dizer o que são os santos homens! E o zelo pelo amor de Deus! E as penas do inferno tão ao vivo! os gosos do paraíso que só elle sabe explicar!! É muito tratante este maganão, porém elle pagará juros e principal. Ahi vem Eduardo, agora tratemos de pôr tudo em pratos limpos; vamos rasgar o véo de hypocrisia com que se tinha encuberto este bom frade; vamos fazel-o sahir do cubiculo religioso onde julgão-no viver ou, por outra, ponhamol-o para *fóra do radical*.

SCENA 11.^a

Francisco e Eduardo.

EDUARDO.—Então, Francisco, o que estiveste fallando com a tia Catharina?

FRANCISCO.—Fallava sobre ti, interrogava o motivo de seu proceder, e ella...

EDUARDO.—E o que te dizia ella?!

FRANCISCO.—Não mostrava ter contra ti cousa alguma particular, pela contrario só fallava com saudades dos outros dias, rematando sempre com o estribilho fradesco: é verdade que não sabia ler elle Voltaire.

EDUARDO.—Suppões sempre que o frade é...

FRANCISCO.—Supponho? meu caro, agora tenho certeza disso, porém em compensação estou vendo tudo acabar bem.

EDUARDO.—Como? Certeza!?

FRANCISCO.—Acabo de pilhar frei Benedicto fallando á sós com Arabella.

EDUARDO.—Oh!

FRANCISCO.—Convitava-a para d'aqui a pouco esperal-o aqui afim de fallarem á sós.

EDUARDO.—E ella, Arabella aceitou, não é assim?!

FRANCISCO.—Senhor! que juizo formaes dessa innocente menina?

EDUARDO.—Perdoa-me, meu amigo, porém o que queres? Estou ancioso, afflicto, falla depressa.

FRANCISCO.—Arabella não respondeu-lhe, porém eu esperei que o frade se fosse, e disse-lhe que aceitasse o convite e viesse.

EDUARDO.—Oh! eu matarei esse homem, heide arrancar-lhe o coração, heide...

FRANCISCO.—Ta...ta...ta, ta isso é muito tragico! não farás nada disso, e esperarás.

EDUARDO.—Porém o que esperas tu?!

FRANCISCO.—Eu cá tenho minhas idéas; tens por aqui algumas bombas, foguetes, etc, etc.

EDUARDO.—Estás zombando?! no entanto estamos tratando de uma cousa importantissima.

FRANCISCO.—Ora! responde ao que te pergunto, tens alguns foguetes?

EDUARDO.—Não, mas...

FRANCISCO.—É para o meu plano, para chegarmos ao alvo, e, com a breca! se alcançassemos algumas bombas fariamos uma cousa em regra.

EDUARDO.—Espera, se é cousa muito necessaria poderemos arranjar com o festeiro da Senhora da Conceição algumas foguetes, que elle tem para a festa de domingo.

FRANCISCO.—Famoso! então tudo está arranjado; estamos livres.

EDUARDO.—Mas eu não comprehendo nada, não sei mesmo.

FRANCISCO.—Não precisa que comprehendas; basta que saibas ir tudo muito bem. Talvez percebas a meiedade ouvindo o que vou dizer á estes rapazes que ahi veem.

SCENA 12ª

Os mesmos e Côro,

Côro.

Já o somno convida os viventes
A provarem da vida o descanso,

Fatigados os membros vacillão,
Corre o sangue pacato e de manso.

Ela avante, que um doce repouso
É na vida suave e preçioso,
Já as aves nocturnas decantão
E nos dão de Morfeo o aviso.

1º DO CÔRO.—Olá, Xico, Eduardo, então como passaráo.

FRANCISCO.—Bem; rapazes, cheguem cá, tenho cousa de subida gravidade á lhes communicar.

Todos.—Sobre o que?!

FRANCISCO.—O' caipora que vós preoccupa, vai ser desencovado.

Todos.—Oh! oh!

FRANCISCO.—Por observações mathematicas que acabo de fazer, certifiquei-me de que aparecerá hoje aqui.

Todos.—Santo Deus!!

FRANCISCO.—Deixemos-nos dessas scenas de dramas, cheios de *ahs e ohs* e vamos ao que serve; o caipora apparecerá aqui logo mais, é infallivel. Assim como o multiplicador está para a unidade, assim o producto deve estar para o multiplicando, e como as linhas parallelas só se encontram no infinito, applicando o theorema de Taylor, e deduzindo a integral procurada, segue-se que, passando o caipora pelo radical da serra em Itaborahy á um mez, na proporção crescente e, applicando a fórmula para achar-se a somma dos termos de uma progressão, elle estará hoje ás dez horas aqui; logo nós devemos nos preparar para recebê-lo como homens por isso que a somma de dous lados de um triangulo é sempre maior do que o terceiro.

MUITOS DO CÔRO.—Isto é que é fallar!!

OUTRO DO CÔRO.—Parece um livro, eu cá penso tal e qual.

EDUARDO.—(baixo á Francisco) Que diabo de disparates estás dizendo! Não vês que temos cousas de importancia á tratar.

FRANCISCO.—(á parte) Cala-te. (alto) Assim já veem que elle estará aqui logo mais.

UM DO CÔRO.—Santa Barbara!

FRANCISCO.—Continuão as exclamações! Mão!! Ora oução todos o meu conselho! vá cada um munir-se de uma boa peia, e estejam aqui as 10 horas, ali escondidos (indica

o lugar) Assim que o maldito chegar se fará preceder por uns estouros, como bombas infernaes, que romperão o silencio da noite.

Todos.—Oh! !

FRANCISCO.—Scena de terror, espanto geral! Com os diabos, me não deixão acabar, ora...

1º DO CÔRO.—Porém que poderemos nós fazer com as nossas peias contra um espirito?

FRANCISCO.—Ahi é que está o engano: o caipora que tem apparecido, ou, por outra, que tem se fingido, é um soldado desertor que aproveita do terror que inspira o phantastico para roubar os lavradores; é um homem carregado de crimes, que seduz as mulheres casadas.

Todos.—Oh!

FRANCISCO.—Rouba as meninas solteiras, desrespeita as viúvas; é um facinora, um vil, que tem praticado os mais negros crimes.

Todos.—Oh! oh!

FRANCISCO.—Talvez que assim como em Itaborahy queira elle aqui esta noite violentar uma pobre donzella que entre vós se ache.

Todos.—Morra, morra o patife!

FRANCISCO.—Bom! começão agora á electrizar-se. Cesaráo as exclamações; portanto, não fallando no beneficio que fazeis a vós mesmos livrando-vos dessa praga, deveis notar que a policia estimará a agarrão d'um tratante, que ella procura. Assim pois, eu estarei de alcateia, dar-vos-hei o signal e quando fôr hora, vós apparecereis cahindo sobre elle. Dai-lhe, dai-lhe á valer; talvez algum de vós conheça-lhe a fallar pois pode ser que outr'ora; quando soldado, elle por aqui passasse, porém á noite não vereis nada, e não tereis que vos envergonhar se aticardes a peia n'um conhecido tratante; fogo, fogo de-rijo.

Todos.—Bravo, bravo!

FRANCISCO.—Mutação, enthusiasmo prolongado. Está bem, não esqueção: ás 10 horas todos aqui, depois apparecerão as bombas, eu darei o signal, e...

Todos.—E preparar e desandar.

FRANCISCO.—Sim, deixar-me-heis depois só com o patife para eu o interrogar e envial-o para a cidade, aproveitando-vos da escuridão para dardes sem serdes vistos,

EDUARDO.—(á parte) Começo á comprehender.

FRANCISCO:—Não se esqueçam que é um malvado que vos vem seduzir as filhas; vão vêr as peias, e até ás 10 horas.

Todos:—Até ás 10 horas.

FRANCISCO.

A mecha 'stá acesa, o tiro não tarda,
Faremos de melro um bom fricassé
Só quero ensinál-o por ter *caridade*,
E tenho *esperança*, que o faça com *fé*.

EDUARDO.

Agora comprehendo, amigo, ten plano,
A ti meu amor quão grato não é! .
Da negra maldade as machinas impias
Já todas vacillão e tremem até.

CÔRO.

O ser-se doutor é cousa espantosa!
Só vendo, se cré, qual fez S. Thomé!
Pois quem poderia fazer-nos valentes
Com um caipora da ordem qu'este é!

SCENA 13.^a

A scena fica algum tempo vazia, a musica toca compassadamente um andante qual-quer, que servirá de motivo para a cavatina do frade, que entra depois. Frei Benedicto vem cauteloso, olhando para todos os lados, e depois chega ao meio da scena alegre e esfregando as mãos com grosseira satisfação. A noite tem gradualmente descido durante o correr o acto e são quasi 10 horas.

Benedicto, só.

Bravo! bravo! Carambolei, e jogo a preta. Não ha nada como o geito e a innocencia, a ovelha vem confiada para a armadilha; que encantadora menina! Veni, veni, hysope de meus amores, thuribulo de miuhas adorações aqui tens o meu breviario, a minha capa, a minha corôa enfim tudo, tudo á teus pés. A' estas horas todos dormem, e só vela o amor...do proximo. Sublime preceito! incomprehensivel parabola e que só tem sido decifrada quando se substitue o proximo pela proxima!

Amor é um preceito sacrosanto,
É lei do Creador!
E de amor eu fizera um *santo officio*,
Seria Inquisidor!

É verdade que amor só tem lugar
Em poucos, breves dias;

Não se deve chorar nem ser babão,
Um novo Jeremias.

Ella não deve tardar; a hora apropñqua-se. Nunca senti o coração bater-me tão apressado, dir-se-hia que estava ameaçado de um jejum, de alguma semana santa! Porém não me engano; eil-a, que vem, estou quasi escorregando!

Ah,* coragem; nunca vi-me
Vacillar desta maneira,
Pois de vinho e amor já ando
Costumado ás bebedeiras;

Vem, ó anjo idolatrado,
Vem, que o mais é tudo asneira,
Eu serei frade de amores
Tu serás de amor a freira.

SCENA 14.^a

O mesmo, e Arabella que entra.

ARABELLA.—(aparte) Aonde se metteria Xico, estou arrependida de ter vindo. (reparando em Benedicto) Ah! já está aqui.

BENEDICTO.—Esperava-a minha filha; a esperança é uma virtude.

ARABELLA.—Vossa Reverendissima me affiançou que era preciso que eu viesse, portanto...

BENEDICTO.—Sim, muito errada tendes andado; é preciso que vos arrependais desse infernal amor, que assim soubestes perder; vinde a voz do Senhor se fará ouvir por mim, e vossas culpas serão perdoadas; ficareis mais branca do que a neve et super nivem dealbabor.

ARABELLA.—Mas, não sei porque me amedrontais assim; tendes-me assustado por tal forma que receio... tremo.

BENEDICTO.—Tremeis! então receias alguma cousa? (tomando-lhe as mãos) descançai, Arabella, não vos quero mal.

ARABELLA.—(retirando as mãos) Sim! fallais-me de Eduardo de uma maneira que me assusta. Por ventura será crime o amar?

BENEDICTO.—Oh! não, pelo contrario...

ARABELLA.—Porem que mais podcrá Deus prescrever!

do que um amor puro, que vaga perdido por um mundo de castos affectos? Não sabeis quanto eu o amo, quão sobrehumano é esse amor indizível, que Deus accendeu, que nada pôde apagar, que me mata, me enlouquece e embriaga.

BENEDICTO.—(á parte) Que sentimentalismo! (alto) E' um amor que...

ARABELLA.—É um sentir que me escaldá a vida e que vós quereis apagar com o gelado sopro da destruição... Oh, por piedade não me digaes que Deus repelle o nosso affecto; não me torneis desgraçada; abandonai o vosso rigor e sede compassivo.

BENEDICTO.—É o que desejo justamente que vós sejais. Rigor, eu?! Eu que tanto vos estimo, eu que não quero senão a vossa felicidade...

BENEDICTO.—É por vos que eu soffro e peno
Mil trabalhos e enidados.

ARABELLA.—Protegei nossos affectos
Não torneis-nos desgraçados.

Se amor vós conhecesses!!

BENEDICTO.—Vou agora comprehendendo.

ARABELLA.—Se sentisses seus effectos!

BENEDICTO.—Sinto...

ARABELLA.— Como?

BENEDICTO.— Em vós os vendo.

Sois de amor imagem viva,
Bem mostrais que o conheceis...

ARABELLA.—Sois feliz o desprezando.

BENEDICTO.—Não ha tal!

ARABELLA.— Tem duras leis!

(Neste momento ouve-se algumas bombas e os dous se assustão.)

JUNTOS.—Ah!

BENEDICTO.—(com affecto) Arabella!! Arabella! se tu soubesses, se...

(Durante esse tempo Francisco e Eduardo apparecem no fundo e ali se conservão sem serem vistos.)

ARABELLA.—Dizei-me que me illudiais quando reprovaeis o meu amor; quando pareciais disposto á me martyrisar.

BENEDICTO.—Martyrisar-vos!... Arabella, não sabeis o que dizeis, não comprehendeis o que eu sinto, o

que em meu coração se passa. Bem diz o Senhor: passei entre os meus e elles me não comprehenderão, tive fome e não me alimentarão, tive sede e não me derão de beber.

ARABELLA.—Então ides dizer a minha tia que approvais o meu casamento com Eduardo? Ide, ide depressa, porque eu quero retirar-me, tenho receio.

BENEDICTO.—De que? a noite é a amiga das confidencias, e as confidencias são tão doces...

FRANCISCO.—(no fundo e fallando com os que estão nos bastidores com elle.) Ouvem?

VOZES.—(baixas e á parte) Sim, sim, é uma falla que já ouvimos, mas com o escuro não sabemos quem seja.

EDUARDO.—(o mesmo) Veirão... é uma seducção, o maldito é um seductor.

FRANCISCO.—(á parte) Um miseravel! (fallando com os que estão nos bastidores) estejam promptos ao meu primeiro signal.

TODOS.—(o mesmo) Sim, sim, desanquemo-lo.

ARABELLA.—Parece-me ouvir rumor; eu parto, já é tarde, vou para casa.

BENEDICTO.—Esperai, quereis deixar-me, sem eu dizer-vos o que sinto! Arabella, não atinastes com a razão de men desespero pelo vosso casamento? Não advinhastes que o peito que o burel encobria sentia uma daquellas prodigiosas fatalidades que o obrigava á torturar-se!!

ARABELLA.—(com susto) Ah!!

BENEDICTO.—Não me repillas, estou á teos pés! Sou um pobre frade, não posso fazer senão um acto evangelico amando-te. Vem, terás quantas riquezas sonhares, terás...

ARABELLA.—Deixai-me, deixai-me.

BENEDICTO.—Ingrata! Não sabes que eu te amo, que vivo por ti, e que jurei que serias minha!

ARABELLA.—(correndo a scena) Soccorro! soccorro!

BENEDICTO.—(correndo atraz d'ella) Não me escaparás, não, silencio, (corre atraz della).

ARABELLA.—Acudão, acudão-me! (corre para o outro lado).

FRANCISCO.—(para dentro) Avança, e solta a peia.

TODOS.—Fogo, fogo! (entrão em scena).

EDUARDO.—(A' Arabella, ao encontro da qual sahio, pelo lado opposto) Sahe, por aqui e até já, minha queri-

da. (aos camponeses) Vamos, amigos, pancada de cego, á valer!

FRANCISCO. — Atiça! atiça!

BENEDICTO. — (assustado e correndo a scena) Que é isto!! que é isto?!

SCENA 15.^a

Eduardo, Xico, Benedicto e côros.

(Durante esta scena e enquanto o côro canta, todos correm esbordoando Frei Benedicto, que foge por todos os lados sem nunca sahir da scena e levando sempre dos camponeses, guiados por Francisco e Eduardo; a escuridão é completa.)

CORO.

Fogo, fogo no vil mariola
Que a honra das virgeus devora...
Leve panno de amostra, bem forte
P'ra não vires fingir-te caipora...

Sejas tu muito embora quem fores,
Não podemos fazer-te por menos...
Leva, leva, meu côro, estes dons
Que disfructão os sectarios de Venus!

BENEDICTO.

Ai... ai... ai... que esta é teza de mais...
Ui... quebrarão-me duas costellas...
Compaixão, meus senhores, attendão,
Quem eu sou... ai, que foi nas canellas!

Se pudesse, meu Deus, pôr-me ao fresco...
Ah! canalha... burguezes... relê...
Ai... não venhão com armas de fogo
Ceos! que surra... ai... *libera me.*

FRANCISCO e EDUARDO.

Que gostosa entrevista de amores,
Empatada com peias e tacas!
Pobre amante! que muito amassado,
Sem victoria levantas barracas!

Mas p'ra que tu não vás assim frio
Pelo vento e sereno da noute;
Toma, toma um lençol de vergalhos
E um ponche de quentes açoutes!...

FRANCISCO.—Basta; deixem-me só com elle, quero interrogal-o antes de o fazer condazir á cidade.

1º DO CÔRO.—Porém havemos de ir sem ver a cara de quem tanto nos incommodou as mãos.

EDUARDO.—Verão de dia; a noite agora é por demais escura.

2º DO CÔRO.—Não importa, demos-lhe uma sova de mestre.

BENEDICTO.—(á parte) Tratantes! malditos!

FRANCISCO.—Ide-vos... até amanhã.

TODOS.—Vamos... vamos.

SCENA 16.^a

Benedicto, Francisco e Eduardo.

BENEDICTO.—Aí, cambada... estou com os quartos em petição de miséria! Tratantes! velhacos!

FRANCISCO.—Agora nós, cavalleiro da capa preta. (puxa-o para si por um braço).

BENEDICTO.—Diabo! diabo! ainda mais!

EDUARDO.—Mais um amigo que não fôra convidado!! (puxa-o pelo outro braço).

BENEDICTO.—Outro! ora! o que então querem de mim? Por favor, senhores, não me fação mais damno! reparem que não tenho no corpo uma só polegada de carne que valha dous viatens; tudo está amassado... ai... ai... ai...

FRANCISCO.—Então, meu fradinho da mão furada! não sabe que agora o posso reduzir a zero, chamaudo estes camponezes que o respeitão e mostrando-o como o seductor de ainda á pouco?

BENEDICTO.—Por piedade... per compaixão não faça isso, meu amigo... as benções do Senhor...

EDUARDO.—Não me venha com essas cantilenas que aqui não topa! Então o dia de S. Jeronymo... as suas orações, são maravilhosas... hein?

BENEDICTO.—Tenha pena de mim... se o padre guardião souber! Meu Deus! estou perdido!... senhor, pelo amor de Deus...

EDUARDO.—Então, meu empatorador de casamentos, não gosta muito de ver as Evas despidas, antes do peccado, creio que as prefere depois d'elle...

BENEDICTO.—Mea culpa... mea maxima culpa... Con-

fesso que pequei... pecavi... porem consintão que me retire, que eu tratarei de vossa felicidade, tudo se arranjará ainda...

FRANCISCO.—É o que ides agora fazer... Toda a villa está acordada, a tia Catharina o estará também, ides escrever-lhe um bilhete dizendo serdes um tratante, um miseravel que quizesdes empatar o casamento de Eduardo, mas que agora arrependido pedis-lhe que conclua essa união, porque sentis remorsos de tál-a barnlhado, que sois um...

BENEDICTO.—Heide dizer tudo isso? oh, senhor, misericordia... misericordia...

EDUARDO.—Não, Xico, o teu projecto não é bom; dá mais força elle lá ir e de viva voz dizer que emquanto a villa estava em confusão, tinha elle uma visão, pela qual via a necessidade de effectuar-se a nossa união; fará então a minha apologia. Para a velha isso tem mais valor, entra o maravilhoso e...

FRANCISCO.—Porem, tu te fias em que elle tal faça?... em se pilhando solto?

EDUARDO.—Descança que eu irei com elle, e ficarei á espreita... Se acaso não fizer o que eu quero, não temos toda esta gente, que, pelas marcas que estão ahí no Reverendissimo, conhecetão nelle o maganão de inda á pouco, o que apoiado pelo que eu farei dizer Arabella, e com a prova agravante desse cordão de S. Francisco, que me ficou no ardor da peleja, fará a velha conhecê-lo bem? Então...

BENEDICTO.—Descançai, eu direi o que quiserem; affianço-vos que ficarão contente de mim.

FRANCISCO.—Ora até que áfinal cheguei á Roma.

EDUARDO.—Conheceste-a, porém não te demorarás esdindando-a por muito tempo, porque o senhor, que aqui a representa, partirá de madrugada.

BENEDICTO.—Como?!

EDUARDO.—É a minha segunda condição do protocolo—sine qua, non... O Sr. partirá ao amanhecer para a cidade... quero-o longe, muito longe d'aqui.

BENEDICTO.—(com hypocrisia) Seja tudo por caridade.

EDUARDO.

Vamos, vamos que nest'hora
Findem as ancias, sustos meus,

Vem firmar minha ventura,
Falso ministro de Deus.

FRANCISCO.

Desvendou-se a tranquiernia
Dos manejos aos boléas,
Quem tem boca vai á Roma,
Seja mourisco ou judeo.

BENEDICTO.

Desasado que ora fui,
Eis ahí castigos meus!
É bem feito por ser tolo,
Seja pelo amor de Deus.

SCENA 17.

Francisco, só

E que me dizem ás lambadas?! Foi um chuvisco que lhe havia de molhar a pelle por uma forma um pouco escaldante. Eis ahí um desses homens que representam o Sagrado Salvador!! Eis ahí um sementeiro das sublimes palavras do Evangelho! Ah felizmente não são elles todos assim! Felizmente par de um Phariseu como estes se achão os bons e santos patriarchas que fazem a completa abnegação de si mesmo, pela felicidade de nós todos! Bemditos esses porque vierão ao mundo para uma santa missão, que de balde um impostor como este pretende, manchando-se, fazer chegar á todos o odioso que é só seu. Não, o crime e a infamia só á quem o pratica e não á aquelles que são purificados com nma unção sagrada! Ahí vem esses rapazes, na verdade que nunca aqui ficou-se acordado até tão tarde.

SCENA 18.^a

Francisco e Côro.

ALGUNS DO CÔRO.—Que é delle, Xico? aonde mettu-se?

FRANCISCO.—O maganão de ainda á pouco?

1º DO CÔRO.—Querem vêr que o deixastes fazer ablativo de viagem.

FRANCISCO.—Eduardo acaba de leval-o á casa do subdelegado para que o tenha preso até de manhã, e...

2º DO CÔRO.—E quem seria?! Aquella voz não me é estranha.

1º DO CÔRO.—Talvez algum filho d'aquí.

FRANCISCO.—Pode bem ser, enfretanto acho que devemos ir tratar de dormir, porquanto já são horas.

CÔRO.—É verdade, já é bastante tarde:

Vamos, vamos, amigos, para cama,
Que são horas de doce socego,
Té as aves noturnas repousão
Dorme o mocho, a coruja, o morcego,

Vamos, vamos, que o leito saudoso
Está de nós, quer nos ter abraçado;
Vamos, vamos a falla perder,
Que é trombeta do homem acordado.

FRANCISCO.—Mas lá vem Arabella e Eduardo, esperemos.

SCENA 19.ª

Os mesmos, Arabella e Eduardo.

EDUARDO.—Felizes, meus amigos! Para sempre felizes!!

ARABELLA.—A tia Catharina, assustada com o barulho que se fazia na villa, não dormia; estava esperando alguma desgraça, quando ainda á pouco nos entra Frei Benedicto; falla com calor de Eduardo, confessa a necessidade de nos unirmos, falla na bulla da Santa Crusada, no Santo Breve de Marca, e minha tia. . .

EDUARDO.—Quiz por força ver-me, apertou-me em seus braços e annunciou-me a minha ventura, e tudo isso. . .

FRANCISCO.—Devido a eloquencia de Frei Benedicto.

CÔRO.—Excelente pregador, santo homem!

FRANCISCO.—É sim; é mesmo um santarrão.

ARABELLA.—Agora, Xico, estamos felizes inteiramente.

FRANCISCO.—Gracias. .

ARABELLA.

Salve, aurora de ventura!
Salve, dia tão feliz!
Para mim, para meus sonhos,
Trazes tu divo matiz.

Nossa sorte estava unida
Desligal-a o céo não quiz,
O prazer que me circunda
O meu peilo, ah não, não diz.

FRANCISCO.

Eis ahí findado o trama,
Paro o que eu muito fiz;
Já achou-se a felicidade,
O valor achei de *x*.

Côro.

Que mil ditas vós tereis
Para nós o céo prediz,
Mas são horas de nos irmos
Emborcar sobre o nariz.

(Cabe o pano.)

FIM.

POESIA.

A NOITE DO DIABO.

CONTO.

O dia mais assombrado
De desastres, tentações,
Inforcados, damnacões,
De má morte e ruim peccado,
—Que, de todos, creio eu,
De quantos são aziagos,
Tem causado mais estragos,
É o de São Bartholomeu.
Neste dia—diz o povo—
Fecha um olho o Padre Eterno,
E o diabo solto de novo
Muita gente leva ao inferno;
Assim, de quanta nequicia
Tem succedido em tal dia,
Só Deus e o povo a malicia
Sabiam donde partia.
Eis pois como aconteceu
Por maligna inspiração
O que a contar tenho a mão
Pelo São Bartholomeu.

Era de noite—na esquina
D'uma rua peralvilla,
Uma luz restante brilha

Na cidade... de Medina....
 Não importa, a rima o diz
 Sigamos o seu roteiro;
 Pode ser Roma, Pariz,
 Mesmo Rio de Janeiro.

O silencio era dobrado,
 Quer dizer, nada se ouvia
 Desse sussurro animado,
 Que na rua haver soia.
 Tudo era triste e profundo:
 No mar não quebram-se as ondas,
 Não ha soldados em rondas,
 Nem coisas cá deste mundo,
 Salvo a chuva:—na verdade
 O inverno então começava,
 Mas a agua se despenhava
 Em tamanha quantidade,
 Que, sem muita reflexão,
 Bem claramente se via,
 Que andava ali bruxaria
 Ou coisa de tentação.

Foi uma dessas noitadas,
 Que tereis visto á milhares
 Nas legendas populares
 De prodigio acidentadas,
 —Quando os diabos andam soltos,
 Vampiros chupam menino,
 Bruxas, bruxos sem destino,
 Todos soltos e revoltos
 Vão as suas tropellias,
 Fazendo tal diabrura
 Que nenhum christão atura
 Sem resar Ave-Marias.

Era de noite e chovia;
 Envolvido n'um capote
 Um vulto humano deu bote
 Na esquina em que a luz ardia;
 Nada fez-lhe este accidente,
 Nem sequer deu-lhe attenção;
 Só parava de repente,
 E andava de arremessão.
 Mas a luz, por um encanto,
 Ao tocar—puff! se apagou:
 A escuridão redobrou
 E o vulto andando entretanto...

Phantasma, certo, não ferem
 Com suas formas externas,
 Não tem braços, não tem pernas,
 São de vapor—si quizerem
 Mas o vulto bem mostrava
 Ser feito de carne e osso;
 Pois de corpo arrasta um troço;
 Que no andar estabauava.
 E então como era esquisito!
 Não n'ó live em boa conta;
 Mas emfim isto que mouta?
 Tomei-o pelo maldicto.
 O certo é que sempre andando
 Proseguia o seu caminho
 Até que chegou direitinho
 N'uma porta. Aqui lançando
 Um olhar fiuo, á manja,
 Na fresta da fechadura
 Viu dentro uma creatura
 Velha e velha—uma coruja
 E mulher, dessas então,
 Sancto Deus, de cuja vida

Só o diabo sabe a lida
 E os cuidados que lhe dão!
 Tanto pois que elle a encherrou
 Balteu na porta e gritou:

—Olá! velha taverneira!
 Que fazes sentada ahí?
 Abre a porta, lambareira,
 Chove, a cantaros aqui.

—Abre a porta sem demora,
 Que o frio passa o gibão.
 Tenho lama desde a espora
 Até as palmas da mão.

—Estou meio—adoentada
 Mas já vou a porta abrir.
 —Anda, bruxa desastrada,
 Não me faças desmedir.

A porta abrio-se elle entrava;
 Procura um canto affastado
 E sentou-se rebuçado
 Todo inteiro como estava.

Esta velha taverneira
 Era mulher de má vida
 Por todos reconhecida
 Como a bruxa da Ribeira.
 Tinha uns olhos de açafão,
 Cabellos de fogo activo,
 O nariz cheirando ao vivo
 Não sei que de maldição.
 Corpo e mãos pernas e braços,
 Como todo o mundo sabe,

Enganosos como laços,
 Visquentos como alcatrão,
 Bruxa enfim que em tudo cabe.
 E depois certo peccado,
 —Diz o povo, e é certo a historia;
 Nestas coisas de memoria
 O povo é livro sagrado—
 Certo peccado com um moço,
 Com quem andou sem refolhos
 Deu-a ao diabo em carne e osso
 N'um abrir e feixar d'olhos.

—Venha um ponco de aguardente,
 Um calix. . . um copo enfim
 Mas voa, bruxa demente,
 Leve como um gótopim.

Que se diz por essas ruas
 Do que acabo de fazer?
 —Por aqui ninguem das suas
 Inda nada ouvi dizer.

E depois daquelle dia
 Que fizestes de ladrão,
 Ninguem mais de mim se fia,
 Nem houve aqui reunião.

Alí o nosso visinho
 Novelheiro de faltar. . .
 E com dois copos de vinho
 Isso então morre a fallar.

Pois elle ainda não veio.
 Mas, certo, não tardará:

Que n'ê * homem de receio,
O nosso vinho o dirá.

—Que é do bode feiticairo
Que a pouco mandei p'r'aqui?
—Oh! comeu como um sendeiro,
Damnado assim nunca vi.

Está dormindo em socego
No quarto dos esconjuros,
Cercado por sette muros
Tendo por guarda um morcego,
Elle não dá que pensar...
Mas oh! lá vem o visinho.
Eu vou preparar o vinho
Para obrigar-o a fallar.

Desta bruxa taverneira,
Ou não sei como lhe chame
Era a voz d'um som de arame
Feroz de horrivel maneira.
Era um som aspero e duro
D'um corpo que não tem alma,
Movido por esconjuro
De satânica expressão,
—Ou como as folhas da palma
Calidas seccas no chão,
Agitadas pelo vento
A gemer sem sentimento.

(Entra o visinho com cara de novidade.)

—Apre! visinha, que chuva!

* Veja o publico se pode supportar estas abreviações; eu as creio muito populares.

Que vento! que escuridão!
 Não chora tanto a viuva,
 Que liberta o coração.
 Irra! nem a propria uva,
 Tanta vez levou-me ao chão.

(Sacudindo a chuva da roupa.)

—É verdade! são farturas,
 Meu visinho; é bom signal.

(Offerecendo-lhe vinho.)

—Mas que chuva!

—As creaturas

Precisão de coisão igual:

—Bruhh! . . . appage! oh que cheiro!
 Tresanda enxofre esta casa!
 Tambem fez alguma vasa
 O diabo neste poleiro?
 —Então que vae pelo mundo,
 Querido visinho meu?
 Vossê hoje está fecundo
 Em noticias . . . creio eu.

—Oh! visinha, pois não sabe
 Do que anda'hi a correr?
 Queira Deus que o mundo acabe
 Sem vossê nunca saber.

—Vivo aqui tão retirada,
 Sem freguezes, que farei?!
 Já nem me faz admirada
 Tanta coisa que não sei.

--Oh! por Deus, que o diabo agora
 Todo o mundo hade levar.

Não vale a reza ao que implora,
 Nem responsos... vou contar.

Anda aqui nesta cidade
 Um demonio encantador,
 Que é mesmo calamidade,
 É castigo do Senhor.

Começou como os vampiros
 A sua negra missão:
 Cruzando á noite os retiros
 A beber sangue pagão.

Depois mudou de estribilho:
 Começou fazer visagens
 Nas fontes, rios, passagens
 Nos cantos, beccos e trilho.

Espantou muita creança
 Fez muita gente assombrada,
 Mas enfim isso n'ê nada
 Teve agora outra mudança.

Entregou-se ao desaforo
 De metter-se a namorar!
 E por meio do namorro
 Isso cutão vai tudo ao mar.

Calçou luvas, poz lunetas,
 Fez-se rubro o cão de breu,
 Apprendeu letras e tretas
 E as moças endoideceu.

--O demonio enamorado
 Taes obras pode fazer?!

É por certo um bom bocado,
É coisa muito de ver.

—Sim, senhora, e o negregado
É fino como um doctor!
O namoro é um grande achado
Nestas éras do Senhor.

E feito desta maneira
O taful de Satanaz,
Amantes—é quantas queira,
Encontra feito rapaz.

Foi a primeira coitada,
Que este tratante illudiu,
Uma viuva esquentada,
Que o marido não carpiu.

Sobre isto tenho disposto
Que não fez nem mal nem bem:
Ella o quiz, adeus, é gosto,
Que não disputa ninguém.

Depois era peccadora,
Tinha males que expiar,
Algum mau pensar d'outr'ora,
E... fez bem em a namorar.

Vamos ao caso seguinte,
Que interessa mais a nós,
Que somos christãos, por vinte
Dos nossos mortos avós.

Em certo convento havia
Uma esposa do Senhor

Que resava, noite e dia
Com muita crença e fervor.

Mas tinha uns olhos quebrados,
—Não sei como heide dizer—
Assim meio apaixonados,
Ou que taes . . . podendo ser.

O demo não é pateta;
Logo que isto descobriu,
Encaixou n'olho a luneta.
Não sei que fez e surriu.

A fallar de *salvos rabos*,
Tudo tem sua razão:
Pois feito rapaz—os diabos
São dez vezes tentações.

Finda pois uma semana,
Corrido um mez outro mez,
A pobre tornou-se insana,
Não soube mais o que fez.

Era amor, coisa adoidada,
Não tinha mais que saber,
Vira o moço e apaixonada
Deitou-se logo a perder.

Dizem que neste negocio,
Certa mão, não sei de quem,
Não teve lazer nem occio
Trabalhou muito tambem.

O certo é que neste inverno,
 A tal esposa do céu,
 Por um pespego do inferno
 Deixou Deus, clausura e véo.

E. . . . sinto a fronte pesada. . . .
 Parece que estou sonhando!
 E estes olhos. . . . se feixando. . . .
 Que diabo de cassuada!
 E creio que fico tonto,
 Sinto o corpo ir-se encolhendo,
 E as pernas soltas tremendo
 Não acham na terra um ponto!

Mas. . . . onde eu ia? . . . é verdade
 Hoje mesmo esse ladrão
 Poz-se ao fresco da cidade
 Co'a amiga do Frei Tristão.

Oh! que frade endiabrado,
 E que terrivel mulher!
 Elle um sancto embiocado
 Ella tal qual foi mister.

Vossê me entende. . . . que lama!
 Estes dois entes que taes
 Viviam de meza e cama
 Dentro dos mesmos umbraes!

Comtudo—é uma verdade!—
 Custou-lhe ao diabo a levar.
 Póde mais que o demo um frade,
 Quando damna em se amigar.

Mas emfim hoje ella é sua.

Eis o caso:—ao anoitecer
 Batem na porta e da rua
 Ouviram dentro dizer:

«Si quer algum sacramento,
 Frei Tristão saiu, irmão;
 Morra em paz e salvamento,
 Quem'stá co'a vela na mão.»

Não ha geito—uma romagem
 O levou, longe dos seus,
 A fazer uma viagem:
 Póde ir-se embora com Deus.»

Ora é bom que não se esqueça,
 Que quem batia era o tal. . . .
 Mas que diabo de cabeça. . . .
 Não vale mais um real.

Quem batia era um idoneo
 Satanaz e Frei Tristão;
 Quer dizer era o demonio
 No corpo de seu irmão.

Dahi. . . foi pouca a demora;
 Não sei porque artes entrou;
 E dentro de meia hora
 Fuphh!—tudo o diabo levou.

Mas que tem estes meus olhos,
 Que querem feixar por força. . . .
 Por mais que as pestanas torça. . . .
 Mas nada. . . . são dois trambolhos. . . .
 Que coisa tão imprevista!
 Não posso. . . corra, visinha,

Abra-me os olhos . . . azinha . . .
 Senão caio . . . estou sem vista . . .
 Já não piso mais no chão . . .
 Estou bebado

(*Cae.*)

—Pois não !

O maldicto que isto ouvia
 Lá do fundo da taverna,
 Salta em pé sobre uma perna,
 E horrivelmente se ria.

—
 N'outra rua mui distante
 Da primeira em que fallamos,
 O mesmo vulto encontramos
 Andando sempre adiante.
 Não parava um só momento
 Para traz não se virava,
 Caminhando não fallava
 Nem temia a chuva e o vento.
 Em quanto cheios de frio
 Aquelles que não dormiam
 Por seu pobre lar tremiam,
 Não voasse em corropio.

A chuva pelos telhados
 Com tanta força batia,
 Qual na floresta os machados
 N'um rijo tronco a porfia.
 A escuridão redobrava . . .
 Lua, estrella, astros do céu
 Giravam através d'um véo
 Tão grosso e negro que estava,
 Que chumbo e breu derretidos
 No immenso vaso do mar

E depois no ar estendidos
Era coisa de igualar.

As nuvens eram sombrias
Como phantasmas perdidos
Levados nas ventanias
Pelos ares combatidos.
E trovão sempre roncando
Nas furnas da immensidade
Sacudia a escuridade
Com raios de quando em quando.
E o nosso homem caminhava
No seu capote a suar,
Como quem não se molhava,
Nem tinha adonde parar.
Certo, era este algum maldicto
Ou coisa de Satanaz;
Nas pernas era cabrito,
No cheiro bôde e agua-raz.
E andava, andava e andava
No tempo assim como estava,
Feito um ser de maldição.
E—que coisa horrivel esta!—
Tinha os olhos sobre a testa
Como brazas n'um tição.
E assim ia duro e perro
Rangindo nos calcanhaes
Como gonzos seculares
Sustendo um cepo de ferro.

Pela fresta que o tufão
Nas folhas da porta abriu,
Uma luzinha surgiu
N'uma casa ao rez do chão.
Tremulava ao som do vento,

E as vezes quasi sumia,
 Mas de novo apparecia
 Qual a vida sem sentimento.
 —Uma luz onde a cidade
 Não parece ter niŕguem !
 Um certo misterio tem
 Que excita curiosidade;
 E agora com mais razão
 Quando a gente dorme ou vela,
 Ou reza gentil donzella,
 Conta historia ou pecca então . . .
 E depois sem prejuizo
 Pondo o olho neste postigo
 Posso ver, e —

Lá comsigo

Creio que este foi o aviso,
 Que tomou o nosso heroe,
 Pois, seja embora maldicto,
 Calcula seu bocadito,
 E no mais é como soe.
 É sorte da humanidade
 Que ainda o melhor christão
 Por causa d'Eva e Adão
 Peque na curiosidade.
 Porisso—sem mais rodeio—
 A quem é que não induz
 A querer vel-a essa luz
 De tantas trevas no meio?
 E . . . e agora me parece
 Que um canto de lá proferem
 Que não é máu enternesse ! . . .
 Diz elle assim mas esperem
 Quando o tal homem nocturno
 Isto ouviu foi logo certo
 Ouvir o canto de perto,

Curioso por seu turno.
 Um olho foi direitinho
 Na porta e ficou de espreita:
 Poz d'um lado o da direita,
 E não sei onde o focinho.

CANTIGA.

1.º

Minha filha, quando ouvires
 Essa bruxa da Ribeira,
 Foge d'ella, é feiticeira,
 Sua alma disfez-se em pó.
 Pactuou com o maldicto
 Anda em vida mal-peccada;
 E essa gente excommungada
 Das meninas não tem dó.

2.º

Foi viuva n'outro tempo
 E como deu-se ao peccado,
 Satanaz ficou calado
 E tratou de a conquistar.
 E depois que deu com ella
 No fogo vivo do inferno
 Marcou-a c'ó sello eterno
 Na infamia do seu lugar.

3.º

Desde então por seu mandado
 Foi viver lá, na Ribeira
 Feito bruxa taverneira
 Do vinho da maldição.
 E com filtros, bruxarias
 Enguiço e coisas damnadas
 Ganha as almas descuidadas
 De quantos lhe a casa vão.

4.º

Foge d'ella, minha filha,
 Não fies dos seus agrados,
 Os seres excommungados
 Fallam bem e agradam mais:

E ella tem tal diabrura,
 Que quantos bebem seu vinho
 Não perdem mais o caminho
 Dessa casa de infernaes.

Aqui o maldito inquieto
 Fez um momo c'o fociinho
 E foi dando de caminho
 D'um modo um pouco indiscreto,
 Porque a voz soou de novo,
 Como um canto abençoado,
 Que surge terno e magoado
 Trescalando a unção do povo.
 Era uma dessas velhiugas
 Do povo sanctas mulheres,
 Que embebida em seus misteres
 E em coser, suas netiugas
 Nas noites de trovoada
 A mão no fuso a fiar,
 Amoldám n'uma toada
 Qualquer canto popular.

Foi certo mais uma vez
 Que ficou desappontado
 O maldicto negregado
 Desde o facto portuguez.
 A cantiga não foi boa,
 E como diz o rifão,
 Creio que elle disse então,
 Canta bem mas não intoa
 Ora é velha a antipathia,
 Que mostrou sempre o dominio
 A cruzes, a Sancto Antonio
 A Christo e a Virgem Maria.
 Mas aqui—honra da lyra
 O que o orgulho lhe firira

Foi um canto popular
 Donde eu fico concluindo
 Que tal canto em o diabo ouvindo
 Tambem faz desapontar.

Mas eil-o que para agora
 Disperta todo o sentido,
 Põem-se a espreita espicha o ouvido
 Fica chato e se abobora.
 Era uma voz que fallava
 Quando o maldito chegou
 Na casa onde elle chegava,
 Ella assim continuou:

UMA PESSOA—(*de dentro*).

Havia um longes escuros,
 Começava a anoitecer,
 Quando eu sahi dos apuros,
 Que acabo de vos dizer.

Ora vinha mais contente
 Por ter morto esse ladrão:
 De escapar principalmente
 A ser tacho ou calderão.

Quando enchergo um vulto preto
 Lustroso como verniz
 Firme, em pé como esqueleto,
 A rir-se pelo nariz.

E tanto que a luz escassa
 O devulguei—elle, zaz—
 Sumio-se como fumaça
 Ou vapor que se desfaz.

Fiquei um pouco assustado,
 Olhei por detraz de mim,
 Procurei por todo o lado
 Até mesmo entre o copim.

Porem nada . . . fui andando,
 Talvez fosse ingano meu.
 Eis que sinto vir pisando
 Traz de mim como um lebreu.

Volto—nada . . . esento—nada . . .
 Que diabo isto será!
 Torno a andar nova passada
 A seguir-me—tra, tra, tra.

Virgem Sancta! isto é o maldicto:
 Deitei-me então a correr.
 —Não me fujas, meu cabrito,—
 Ouvi uma voz dizer.

Ai! . . não sei como inda vivo
 Como aqui'ston entre vós
 A fallar como um captivo
 Que escapou da corda aos nós.

Corri—não sei se voava—
 Sem accordo e sem sentido;
 Pelos olhos, pelo ouvido
 A maldição me cercava.
 Blasfemias, gritos impuros,
 Uma grande ventania,
 Gargalhadas, heresia
 Imprecações, escoujuros
 Tudo ouvi—mil satanares
 C'os dentes arreganhados

No chão, no ar atrepados
 Correndo, voando em pares
 Me seguiam sem parar.
 A terra já me faltava,
 E por fim me figurava
 Que eu também andava no ar.
 E depois mais nada vi
 Meus ouvidos se fecharam,
 Meus olhos se annuviaram
 E não sei se então morri.

Não passou creio um minuto
 Quando em mim torno a cair;
 'Stava parvo como um bruto
 Em pé na rua a me rir.

Estirei a perna, o braço
 Todo o corpo estremei,
 Mas não tive um embaraço
 Prompto e lestes me senti.

Entretanto um pouco inchado
 O braço esquerdo notei
 Como se dependurado
 Andasse n'elle, não sei.

O certo é que alguém me trouxe
 E juro por esta luz,
 Que ou fosse o diabo ou não fosse,
 Nunca mais andei ~~sem~~ cruz.

—E depois qual foi o cabo
 Desse ladrão do caminho?
 —Ai que ali torce a porca o rabo,
 E a bruxa mette o focinho!
 Foi a perra taverneira

Que me querendo pèrder,
 Trabalha a mais não poder
 Até dar-me na Ribeira;
 E fez-me tantos affagos
 Com tal arte e bruxaria
 Que mesmo desviaria
 De Bethlem os tres Reis magos.
 Por fim me disse no ouvido
 Que me queriam roubar,
 Mas é preciso notar
 Que eu tinha um oiro escondido
 Aonde—ninguem sabia. . .
 Ora puz-me eu a pensar
 Que diabo isto seria!
 Mas ella co' um ar matreiro
 Disse logo: isso n'è nada,
 Vá depressa a encruzilhada
 Procurar o seu dinheiro.
 Não tive mais dilacão,
 Com haver o meu thesouro
 Foi então que quasi o couro
 Deixei plantado no chão.

Depois que um mez se passára
 Resei, benzi-me e fui ter
 Ao lugar onde a meu ver
 Com um ladrão peleijãra,
 Mas ai como eu me enganava!
 A chuva alli não fez nada
 E a nossa lucta estampada
 No chão queimado lá stava.
 Então foi que do que hei dicto
 Entendi toda a embrulhada
 A taverneira inredava
 E o ladrão era o maldicto!
 (Ouvem-se muitas vozes).

—Desde então nunca mais houve
 Bambuchata na Ribeira?
 —Oh! por Deus, quando isto soube
 Dei ao diabo a taverneira.

—Eu tambem desde esse tempo
 Nunca mais lá puz o pé.
 —E eu---que tinha o passatempo
 De ir lá jogar *lansquinet*.

—Será mulher do pespego?
 —Qual! si vale mais de cem;
 —Tem braços e pés de morcego.
 —Dous me livre della

A mem.

OUTRA PESSOA.

Eis um caso semelhante
 A um que nesse mesmo dia
 São Gonçalo de Amarante
 Viu na'sua freguezia.

Eu bem sei que a casos taes
 Maita gente o riso affrocha:
 Chamam contos da carochia,
 Mentiras e nada mais.
 Porem deixal-os que à porta
 Hade ir bater-lhe a verdade;
 Quando virem gente morta,
 Da noite na soledade,
 Arrastâr pelas estradas
 Mortalhas esfarrapadas,
 Corpos cheios d'osso e terra:
 Quando de medo tranzidos

Ouvirem longos gemidos
 Dessas almas mal-peuadas
 Que Deus a noite desterra:
 E quando ouvirem então
 Um demonio que se monta
 N'um pobre corpo christão
 A fallar por sua conta,
 Não de ver que nesta vida
 Ha entre o sonho e a mentira
 Muita verdade escondida,
 Que o temor de Deus inspira!
 Deixemos pois de vaidades:
 Quanto a mim—tenho profundo
 Medo as almas d'outro mundo,
 E horror ao pai da maldade.

É crença velha entre nós,
 Que vem de nossos avós,
 Sem pecha d'um ponto omisso-
 Que o bom Sancto galhofeiro
 É fino casamenteiro
 Das velhas que dão p'ra isso.
 Uma das taes—e que impada!—
 Já tirando os seus oitenta,
 Metteu-se o diabo na venta,
 Quiz por força ser casada.
 Foi do Sancto a freguesia,
 Prometteu festas e dança,
 Se lhe apressasse a mudança
 Que seu estado exigia.
 Enfim quanto pode fez,
 Não poupou offrecimento:
 Mas veio um mez, outro mez,
 E nada de casamento.
 A velha torna a cidade

Vae de novo ter c'o Sancto
 Torna a expor cheia de prauto
 Sua grande necessidade;
 Enfim para dizer tudo
 O Sancto não melhorava;
 E a velha já se engrillava
 Por vel-o a seus rogos mudo.

Um dia—desesperada—
 N'um arranco impetuoso
 Prometteu de ser casada,
 Fosse o diabo o seu esposo.
 O tal homem pé de-cabra
 Que a muito a andava espreitando
 Pegou logo na palavra
 E p'ra si a foi tomando.

Eis pois como o porco immundo
 Nesta historia se metteu,
 Andando solto no mundo
 Pelo São Bartholomeu. . .

A coisa então foi de pressa,
 Na tarde do mesmo dia,
 Quando a sombra já caia
 Cada vez mais negra e espessa,
 A velha estava assentada
 No lagedo d'um riacho
 Chorando com o rosto baixo
 A sua sorte minguada.
 —Ai! se eu tivesse um marido!
 Dizia ella suspirando. . .
 E o vento o son foi levando
 Como um correio entendido:
 E em menos d'um quarto d'hora,

Quando tudo era calado
 Ouviu-se o passo dobrado,
 De quem quer que bem montado
 Para ali caminha agora.

Olha e vê—era um cavallo
 Murzello, de pernas finas,
 De negras luzentes crinas,
 Ligeiro como o pardallo;
 Em cima d'elle um rapaz
 De airosa gentil figura,
 Bom porte, grave estatura,
 Moço emfim muito capaz.
 Foi chegando e logo apeou-se;
 Estirou a calça ingleza,
 E com muita natureza
 Para a velha encaminhou-se.
 Não softou frases perdidas,
 Nem uzou longos rodeios,
 Fallou—não teve receios,
 Nem coisas mal entendidas;
 Pediu-a em casamento:
 Isto foi expor ao vento
 Uma furna de brasidos:
 Aqui'stava elle bem certo,
 Que não pregava ao deserto,
 Mas a dois grandes ouvidos.

Fez-se logo toda amores
 A pobre velha demente,
 Entregou-se a seus ardores
 E casou-se incontinentemente.
 Depois saltou na garupa;
 Aperta o noivo entre os braços,

E o cavallo a largos passos
Arfou como uma chalupa.

Caminhou-se a tarde inteira,
A noite veio depois;
E o cavallo na carreira,
Emudos *ambos os dois*.

Apontou sobre o horizonte
Da lua o doce clarão,
Mirou-se na agua da fonte
E sumio-se entre o bulcão.

E o cavallo inda trotava . . .
Entre pedras não topava
Nem se espantou uma vez.
Corria como um damnado
Bufando desesperado
Lançando fogo dos pés.

Quanto mais escurecia,
Tanto mais elle corria,
Parecendo uma visão;
Cortava o espaço nitrindo,
A cauda os ares ferindo,
As patas cavando o chão.

A lua foi-se nublando . . .
E enquanto ella se escondia
Nos ares eil-o voando,
Transformado em ventania.
Era um novello confuso
De nuvens que se elevavam,
Torcidas no parafuso
Dos ventos que as enrolavam.

E zuniu. . . zuniu. . . zuniu. . .
 Por muito tempo no espaço
 Aquelle sussurro escasso,
 Que ao longe enfim se sumiu.

(Ouvem-se algumas vozes.)

—E deu e' o a velha no inferno
 Meu Jesus, Sancto bendito!
 —Juro pelo ser eterno,
 Que foi o mesmo maldito.

—Oh! se foi! meus companheiros,
 Escutem—no outro dia
 Apenas amanhecia
 Marcha um rancho de tropeiros,
 E acharam juncto da estrada
 Uma mulher arquejante
 Quasi a morrer por instante
 Toda suja e maltratada.
 Levaram-na a um casebre,
 Perguntaram se soffria,
 E em resposta ella se ria
 Parva e doida—a arder de febre.
 Mas depois teve algum siso,
 E disse que era casada
 C'o demonio:--foi curada,
 Mas nunca teve juizo.

(Ouve-se muita voz confuzamente.)

DUAS PESSOAS CONVERSANDO N'UMA JANELLA.

—Não vês ali no caminho
 Assim como um vulto? . . . mau!

—É talvez um bizerrinho
Ou mesmo um tronco de pau.

—Oh! depois d'aquella historia
Do diabo feito ladrão,
Não me vem mais a memoria
Coisas deste mundo, não.

E se lhe der na cabeça
De um dia vir-me tentar?
Não tenho nada que o impeça,
Sou peccador posso errar.

Mas ai! que vulto caminha,
E certo para aqui vem.
Cautella e arroz de gallinha
Nunca fez mal a ninguem.

Feixemos esta janella,
E saiamos já daqui,
É sempre bom ter cautella,
Coisas más eu presenti.

UMA PESSOA DE FÓRA BATENDO NA PORTA.

Abri-me a porta, senhores,
Compadeçam por quem são...

(*silencio.*)

Ai! que medo, que tremores;
Eu sou um pobre christão!

(*silencio.*)

Ai Jesus! quem dá soccorro
A um desgraçado infeliz?!

Já não posso mais eu morro. . . .
 Ai meu Deus! que mal eu fiz?!

—Quem é que bate ali na porta?
 —Sou eu, tende dó de mim.
 Ninguém o frio supporta,
 E tremo de medo assim.

—Como é que nestas bruegas,
 Ha quem se atreva a sahir?
 —Ai, senhor! eu ando as cegas,
 Por mim eu'stava a dormir.

—Então que foi?
 —Abra a porta,
 Que muita coisa direi:
 Ovi fallar gente morta,
 Vi coisas que inda não sei.

—Então quem bate ali fora
 Nada tem com Satanaz,
 —Ai, senhor! amo e adoro
 As cortes celestiaes.

—Pois espere ainda um momento
 Que já'stou no corredor,
 —Sim, senhor, ai! que tormento,
 Deus lhe pague este favor.

O DESCONHECIDO DENTRO.

Ai, senhores! 'stou caçado:
 Não queiraes vêr o que eu vi.
 Foi o diabo, estou damnado,
 Agarrou-me—escapulli. . . .

—Santo Deus! que compromisso!

Vistel-o ou o diabo sois?

—Aonde? como foi isso?

Depressa, vamos. . . depois?

—Coitado do meu burrinho!

—Que burro?

—O pobre morren!

—Mas que tem?

—Foi no caminho,

Lá ficou, tanto correu.

—Mas que tem isso c'o diabo?

—Correu commigo, zuniu. . . .

Mas emfim espicha o rabo,

Não pôde mais e cahiu.

—Porém nisso que ingerencia

Teve o diabo, que artes fez?

—Um pouco de paciencia,

E horriveis coisãs vereis.

O DESCONHECIDO—NARRANDO,

Quem mandou-te, a ti, sandeu,

N'um dia tão desastrado,

O de São Bartholomeu,

—Dia aziago mal sagrado.

Quando o maldito anda a esmo:

Quem metteu-te, a ti, João—Tolo,

Nestes cascos de miolo,

Sair de casa hoje mesmo?

Hehhuff! corri pelo mato

A desunhar-me, e inda assim

Quasi que sou lambeato

Como o burrinho: ai de mim!

Eis como—Eu vinha a cidade
 No meu burrinho montado,
 Muito ao fresco e descansado;
 E, si bem que na verdade
 Quando a andar eu me despuz
 No horisonte o sol rodava,
 Contudo o tempo sobrava
 De chegar com muita luz.
 Porém meia legua andada
 —Foi mesmo uma tentação—
 Encontrei a frei Tristão
 Meu amigo e camarada.
 Ora puz-me a conversar;
 E conversa começada
 Não ha mais nada que acabe;
 Nisto passou, já se sabe,
 O tempo de cá chegar.
 Poz-se o sol—que esquecimento!
 Deixei Tristão, dei de esporas
 Que eu sou martyr das demoras
 Deste tal entretenimento.

Começou a escurrecer
 Ao longe o vento gemia,
 Com um homem que soffria,
 E de dôr poz-se a gemer;
 E a floresta se curvava,
 Como a estremecer de medo,
 Quando o vento lhe passava
 Na cerviz o horrivel dedo.—
 E eu sentia pelo rosto
 Um sopro como a dizer-me
 Que algo havia acontecer-me
 No caminho de desgosto.
 Mas creio que neste instante

O diabo poz-se no meio
 De sorte que sem receio
 Sem pensar fui para adiante
 O burrinho ia trotando. . . .
 Se espantava a cada passo,
 Sentindo um certo embaraço,
 Que ia me desconfiando.

As nuvens no ceo rodavam,
 E os corvos atraz seguiam;
 Curvando as azas zuniam
 Como açores que esfaimavam—
 E depois se confundiam,
 Depois todos crocitavam.
 Quem não vê que nisto andava
 Rabugem de Satanaz?
 Mas eu, por Deus, não pensava,
 Vinha em calma e santa paz.

O espaço então perturbou-se;
 De repente escureceu.
 E logo o trovão gemeu;
 E o negrume concentrou-se.
 Então sobre a minha frente,
 Da cidade em direitura,
 Estendeu-se uma corrente
 De nuves, qual mais escura.
 Quiz voltar, mas por desgraça
 Pensei quando não devia:
 —Por mais escuro que faça,
 Disse eu, não erra o meu guija.

Corvos, nuvens, n'um momento,
 Tudo a noite subverteu,
 Como um fio pardacento

Que não se vê entre o breu.
 Nada enclergava—a não ser
 Da noite o escuro insondavel,
 Tão pesado e insupportavel
 Que horrorisava-se ao ver.

O chuveiro era eminente;
 Ao longe sobre a montanha
 Já se ouvia o andar fremente
 Da chuva que a terra banha,
 Entretanto eu caminhava
 Pisando incerto no chão
 Sem saber por onde andava
 No meio da escuridão.

Depois de ter caminhado
 Desta sorte um bom pedaço
 Acha o burro um embaraço
 Tropeça e cae,—eu ao lado.
 Eis que sae mesmo entre nós
 Um prolongado gemido,
 N'um tom agreste e exprimido
 D'nma aguda o secca voz.
 Oh! fiquei tão espantado,
 Que nem pude respirar:
 Cabi no chão assombrado,
 Morto como um enforcado,
 Para a verdade fallar.
 E senti uns braços frios,
 Como dois braços de gelo,
 Me agarrarem nos vasio
 E depois pelo cabello.
 E com tal força apertaram
 Que os ossos todos tremeram,
 E as carnes estremeceram,
 E as pernas se prolongaram.
 Depois senti no meu rosto
 Outro de cadaver posto
 Frio ossudo magro e fundo,
 Que os ouvidos me affagava,
 E com furor me beijava,
 Como a morte ao moribundo.

A chuva então despenhou-se
 Com tamanha profusão,
 Que todo o ramo quebrou-se,
 Se enterrando pelo chão.

Aquellas gottas pesadas
 Saltitando sobre mim,
 Tive as forças reanimadas
 Senti que vivia, sim.

E dando quatro balanços
 E encolhendo o corpo—zaz—
 Aitirei-me em quatro lanços
 Cinco braços para traz.

Então vi perfeitamente.
 Que era um corpo de mulher,
 Que ali estava torpemente
 Sem ter vestido se quer.

Fiquei de novo espantado,
 Fiz-me pallido de horror,
 Sem saber que resultado
 Tomaria á meu favor.

Quando vejo-a levantar-se
 Como que tornando em si
 E p'ra mim encaminhar-se
 Mais viva do que eu me vi.

E de novo me apertando
 Das suas mãos entre as mós
 Fallou-me, sapateando,
 N'um hirto metal de voz:

«Me ajudae neste affogo,
 Traz:
 Ó correi, vinde ao fogo,
 Zaz.»

Sancto Deus, dá-me soccorro,
 Gritei eu, e os olhos corro

Esbogalhados ao envez
 Deus me ajudou—neste instante
 Tomo as forças d'um gigante
 E me soltei outra vez.

Comuigo estava o burrinho,
 Mais mauso do que um cordeiro,
 Me esperando no caminho,
 Como um fiel companheiro.
 Salto em cima e dou de espora
 A tremer desatinado;
 E o burro também, coitado,
 Largou-se por hi afora.

Um ramo que me tocava
 Uma pedra que saltava
 Me fazia estremecer:
 Em tudo via um demonio;
 Até mesmo a S. Antonio
 Teria medo de ver.

Porém nada me valia:
 Eu creio que neste dia
 Algum mau peccado fiz,
 Quando dei por mim levava
 Um pezo que me abafava,
 Do macho sobre os quadris.

Ai! meu Deus, era a damnada
 Que vinha bem apumada
 Na garupa a me agarrar.
 Quando eu moutei-me na sella,
 D'um só pulo também ella
 Se escanchou sem eu pensar.

Tive medo e horror de vel-a,
 Mas fugi não percebel-a,
 E sempre, sempre a correr.
 Para mim tudo movia,
 Trocava... se confundia
 Como um sonho a se tecer.

Ai! aqui'stá a desgraça!
 Tudo agora se embarça
 Eis o diabo e a tentação:
 O burro se desenfreia—
 Corre a toa pela estrada
 Recua—espanta—falseia—
 E a carga a baixo—damnada!
 Burro e eu foi tudo ao chão.

Um bode immenso cornudo,
 Fedendo a panno queimado,
 Um focinho desastrado
 Espirrando fogo em tudo:
 Um satanaz furibundo,
 A bocca horrivel, travessa,
 O olho maior que a cabeça
 Mais vivo que o sol no mundo—
 Foi tudo o que pude ver:
 Ao cair soltei um grito,
 Esconjurei o maldito,
 E fiquei morto a tremer:

Depois a terra gemia:
 Ouvi ao longe um retumbo
 Como se o monte cahia,
 Soando a pêso de chumbo.
 O vento as nuvens rasgava
 Com tão forte repellão,
 Que a chuva adiante levava
 As florestas de rondão,
 Era um barulho agitado
 Que eu—immovel sem sentidos,
 Pensava ter nos ouvidos,
 Ou na cabeça encerrado.‡
 Depois ouvi que cantavam
 Um canto de maldição:
 E da horrivel confusão
 Estas vozes destacavam:

1.º

Me ajudae neste affogo:
 Traz...

Ó correi, vinde ao fogo:
Zaz. . .

2.º

Frei Tristão foi-se embora,
Lá.
Eu tambem puz-me fora,
Cá.

3.º

Elle disse: é romagem,
Vou.
Mas eu disse: é coragem,
Sou,

4.º

Sou do demo—elle chega
—Traz. . .
Agarrou-me:—eis a entrega,
Sus!

5.º

Dormi, frade, este hynverno:
Zum.
Que amanhañ dás no inferno—
Bum!

6.º

Me ajudac neste affogo:
Traz
E correi, vinde logo:
Zaz.

Não sei se ouvia ou sonhava. . .
Acordei desassombrado;
Meu corpo estava enterrado
Na areia que a agua arrastava.
Escutei: ouvi somente
A chuva sempre a cahir
Olhei e vi se bulir

Meu burro arfando tremendo.
 Sacudo a arcia depressa
 Torno a montar sem demora;
 Mas ai! em vão calco a espora
 O pobre burro tropeça,
 Não pode—e cahê espichado
 'Stava perto—concertei-me,
 E assim como estou larguei-me;
 E lá deixei o coitado!

(Ouve-se muitas vozes fallando entre si.)

—Eis aqui como o demonio
 Passa o São Bartholomen!
 —Eis tambem como o holonio
 Do frade a amiga perdeu.

—Lá isso foi caridade,
 Ao menos por esta vez.

—Oh! se foi!

—Isso é verdade!

—Uma coisa mais talvez.

—Qual?

—Ora, pois não é nada

Um frade burlado?

—Hean?!

—Que um frade da mão furada
 Não pode mais com Satan.

Mas, que é feito do maldicto,
 Quasi de todo esquecido?
 Ah, sumiu-se! . . . cil-o escondido,
 Pequeno como um mosquito,
 Na leixadura da porta,
 Agora, como elle coube
 Nesse lugar—como soube
 Se encaixar nelle, não importa;
 Basta, sabido, como é,
 Que o demo sempre tem arte
 Para entrar em toda a parte.

É assim que, quando alado
 Ferve o pé da dançarina,
 Elle vae e dá a ná fina
 De se metter no calçado;
 Eil-a então seia e faceira,
 Mais granda do que um junquillo,
 Leve... melle... — do casquilho
 Voa depois a algibeira,
 E aqui... são ellas... Tambem
 Algumas vezes se mette
 Té onde lhe não compette.
 Inda é elle e mais ninguem
 Que de conde lindas e roas
 Poem na frente dos maridos;
 Foi que andou entre os vestidos
 Da mulher... fazendo boas.
 E admira que em figura
 D'um mosquitinho invisivel,
 Que nem se torna sensivel,
 Faça tamanha diabrura..

Eis aqui como elle estava
 Na fechadura escutando,
 E agora se preparava
 Para ir se retirando,
 Poz de fora a cabeciinha,
 E—puff! saltou no chão,
 Da mesma altura e padrao.
 Que na taverna já tiuha.

São estas coisas do demo,
 Que só Deus pode entender,
 Que no seu saber supremo
 Taes coisas pode saber !

A antiga forma tomada,
 Quando fóra se sentiu
 Rompeu n'outra gargalhada
 Que em toda a noite se ouviu.

—« Bem ! já sei o que se diz.
 E este fallador eterno

Não ser empolgado ! inferno !
 Escapou-me por um triz !
 Mas também não vale as minhas;
 Pobre diabo ! . . . é nada . . . um zero !
 Só sabe enfiar la minhas;
 Massantô . . . xó ! . . . não te quero.
 Mas agora toca a andar;
 É tarde; daqui a pouco
 O maldito sino rouco
 Meia noite hade tocar.»

Assim fallou, caminhando
 De um modo esteril, deserto,
 O diabo—que era—o—de certo—
 Braços pernas abanando.
 Não parou mais um momento:
 Deu de marcha a vela e remo,
 Com toda a força do demo,
 Mais veloz que a aza do vento.

Enfiou-se n'uma estrada;
 Caminhou muito por ella
 E espicha então a canella
 Fina e desêmbarçada.
 Depois—taes artes fazendo,
 Que só ao diabo lembrava,
 Quanto mais elle affastava
 Foi-se encolhendo, encolhendo,
 Até que fez-se uma bola,
 Para mais poder correr;
 E pela estrada se rola
 Como n'um eixo a volver.
 E tanto tanto encolheu
 Que enfim nada mais se viu:
 Ou em pó se converteu,
 Ou na terra se sumiu.

FIM.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).